

DIÁLOGO GLOBAL

15.3

3 edições por ano em vários idiomas

**EDIÇÃO ESPECIAL:
HOMENAGEM A Michael Burawoy**

Michael e
os dois Karls

Michael
e a sociologia
pública e global

Depoimentos

Seção aberta

> Um tempo para a sociologia

Klaus Dörre
Brigitte Aulenbacher
Roland Atzmüller
Fabienne Décieux
Raphael Deindl
Karin Fischer
Johanna Grubner
Nancy Fraser
Ngai-Ling Sum
Bob Jessop
Heidi Gottfried
Michelle Williams

Geoffrey Pleyers
Nazanin Shahrokni
Ruy Braga
Pavel Krotov
Tatyana Lytkina
Svetlana Yaroshenko
Fareen Parvez
Aylin Topal

Ari Sitas
Shaikh Mohammad Kais
Siyabulela Fobosi
David Goldblatt

REVISTA



VOLUME 15 / NÚMERO 3 / DEZEMBRO 2025
<https://globaldialogue.isa-sociology.org/>

GD



International
Sociological
Association
ISA

> Editorial

Edição especial em memória de Michael Burawoy

Como parte das comemorações do 15º aniversário da *Diálogo Global*, fundada por Michael Burawoy em 2010, acordamos com ele, em janeiro deste ano, que esta edição seria dedicada a revisar os avanços da sociologia pública e global ao longo dos últimos quinze anos.

A visão de Michael para esta edição especial era ambiciosa, como ele próprio expressou em correspondência pessoal:

"Breno, acho uma ideia fantástica dedicar uma sessão especial para a GD em seu 15º aniversário. Talvez vocês possam produzir uma edição especial com contribuições das regiões (embora isso possa ser um desafio) ou focar em alguns dos principais desafios da sociologia pública em tempos turbulentos, como grandes questões da atualidade: guerra, mudanças climáticas, desigualdade e aborto. Todas examinadas sob uma perspectiva global. Uma alternativa seria solicitar artigos de pessoas que provavelmente produzirão algo interessante. Outra possibilidade seria fazer uma chamada aos Comitês de Pesquisa para que contribuam. Você pode pedir propostas. O céu é o limite!"

Tragicamente, Michael faleceu em um atropelamento seguido de fuga do motorista em 3 de fevereiro de 2025. As homenagens e lembranças após seu falecimento foram imediatas e sinceras. Em 8 de fevereiro, a Associação Internacional de Sociologia (ISA) organizou uma [homenagem on-line em memória de Michael Burawoy](#). Nos últimos meses, colegas, alunos, ativistas e organizações de todas as partes do mundo têm lembrado dele por seu intelecto perspicaz, generosidade e dedicação à justiça social.

O impacto de Michael como mentor, intelectual público e pesquisador transformador inspirou milhares de sociólogos em todo o mundo. Seu legado abrange trabalhos inovadores sobre trabalho e etnografia, um profundo compromisso com a sociologia pública e o cultivo de uma comunidade global de pensadores e ativistas moldados por sua mentoria.

Portanto, esta edição não se trata apenas de celebrar a relevância da sociologia pública, mas também de honrar a memória e o legado de Michael. Com ela, celebramos o 15º aniversário da *Diálogo Global* e refletimos sobre o desenvolvimento da sociologia pública e global através da perspectiva da carreira e das contribuições de Michael. Para esta edição especial, convidamos colegas, alunos e amigos de Michael de todo o mundo para compartilhar suas ideias, análises e reflexões pessoais sobre seu trabalho e os momentos que compartilharam com ele.

A edição está organizada em torno de três eixos temáticos. O primeiro, generosamente editado por Klaus Dörre e Brigitte Aulenbacher, editores anteriores da *Diálogo Global*. Esta seção explora o envolvimento de Michael com o marxismo sociológico, examinando tanto seu rigor teórico quanto sua relevância prática. Baseando-se em seus diálogos com os "dois Karls" - Marx e Polanyi - os textos abordam questões relativas ao trabalho, à

> *Diálogo Global* pode ser encontrada em vários idiomas em seu [site](#).

exploração, ao fundamentalismo de mercado e ao potencial transformador da sociologia marxista, ao mesmo tempo em que refletem sobre as influências intelectuais de Michael. Esta seção, que conta com contribuições de Nancy Fraser, Bob Jessop e Michelle Williams, entre outros, celebra a profundidade e a amplitude de sua visão analítica, bem como sua capacidade de articular a teoria crítica às lutas sociais contemporâneas.

O segundo eixo temático centra-se no trabalho pioneiro de Michael na sociologia pública e global. Aqui, as contribuições refletem sobre os desafios e as possibilidades da sociologia como uma vocação global, atenta a questões urgentes como a desigualdade, os movimentos sociais e os diálogos transnacionais. Os ensaios destacam as inovações metodológicas de Michael, a sua insistência numa sociologia engajada com a sociedade civil e a sua influência nos debates em diversos continentes - da Europa à América do Sul, Ásia e África. Em conjunto, ilustram como o trabalho de Michael forneceu tanto uma bússola quanto uma estrutura para a compreensão do mundo em tempos turbulentos.

O terceiro eixo reúne depoimentos e reflexões pessoais, enfatizando a dimensão humana da produção acadêmica de Michael. Por meio de encontros, debates e experiências de trabalho de campo, essas contribuições revelam o afeto, a mentoria e a inspiração que caracterizaram seus relacionamentos com alunos, colegas e ativistas. Elas mostram como seu trabalho reverberou em lutas locais, da África do Sul a Bangladesh, e como continua a guiar sociólogos a pensar criticamente sobre a sociedade, mantendo-se comprometidos com a ação transformadora.

Michael Burawoy inspirou uma visão da sociologia que é ao mesmo tempo rigorosa e comprometida com a transformação social. Esta edição especial celebra sua vida e obra extraordinárias, reafirmando nosso compromisso coletivo com a sociologia pública e global - uma sociologia que não apenas analisa o mundo, mas também busca transformá-lo, semeando novas ideias, debates e ações. Em um momento em que a sociologia e os sociólogos estão sob ataque, é mais importante do que nunca resgatar o tipo de sociologia crítica que Michael defendeu com tanta veemência. Por essa razão, esta edição especial também inclui a Declaração "Um Tempo para a Sociologia", apresentada pela ISA no 5º Fórum de Sociologia da ISA em Rabat, em 6 de julho de 2025.

Esperamos que os *insights*, as reflexões e as pesquisas aqui apresentadas inspirem sociólogos do mundo todo a promover uma sociologia pública e global que seja corajosa, crítica e transformadora. ■

Breno Bringel, Carolina Vestena e Vitória Gonzalez,
editor e editoras assistentes da *Diálogo Global*

> As submissões devem ser enviadas para:
globaldialogue@isa-sociology.org.

> Equipe editorial

Editor: Breno Bringel.

Editores assistentes: Vitória Gonzalez, Carolina Vestena.

Editor associado: Christopher Evans.

Editores executivos: Lola Busutil, August Bagà.

Consultores: Brigitte Aulenbacher, Klaus Dörre.

Editores regionais:

Mundo árabe: (Líbano) Sari Hanafi, (Tunísia) Fatima Radhouani, Safouane Trabelsi, Siwar Harrabi.

Argentina: Magdalena Lemus, Juan Precio, Dante Marchissio.

Bangladesh: Habibul Haque Khondker, Khairul Chowdhury, Bijoy Krishna Banik, Shaikh Mohammad Kais, Md. Abdur Rashid, Mohammed Jahirul Islam, Helal Uddin, Masudur Rahman, Rasel Hussain, Yasmin Sultana, Md. Shahidul Islam, Farheen Akter Bhuiyan, Sadia Binta Zaman, Md. Nasim Uddin, Ekramul Kabir Rana, Alamgir Kabir, Taslima Nasrin, Suraiya Akter, Ayesha Siddique Humaira, Nusanta Audri, S. Md. Shahin.

Brasil: Fabrício Maciel, Andreza Galli, José Guirado Neto, Jéssica Mazzini Mendes, Carine Passos.

França/Espanha: Lola Busutil.

Índia: Rashmi Jain, Manish Yadav.

Indonésia: Hari Nugroho, Fina Itriyati, Indera Ratna Irawati Pattinasarany, Nurul Aini, Lucia Ratih Kusumadewi, Rusfadia Saktiyanti Jahya, Ario Seto, Aditya Perdana Setiadi, Domingus Elcid Li, Benedictus Hari Juliawan, Mohamad Shohibuddin, Gregorius Ragil Wibawanto, Hartmantyo Pradigto Utomo.

Irã: Reyhaneh Javadi, Niayesh Dolati, Elham Shushtarizade, Ali Ragheb.

Polônia: Aleksandra Biernacka, Joanna Bednarek, Sebastian Sosnowski.

Rússia: Elena Zdravomyslova, Daria Kholodova.

Taiwan: WanJu Lee, Yun-Hsuan Chou, Zhi Hao Kerk, Mark Yi-Wei Lai, Yun-Jou Lin, Tao-Yung Lu, Chien-Ying Chien, Yu-wen Liao, Ni Lee.

Turquia: Gültu Çorbacioğlu.

“uma sociologia da, na e para a sociedade, combinando perspectivas globais e locais”

A seção “Michael and the Two Karls”, editada por Klaus Dörre e Brigitte Aulenbacher, explora o envolvimento de Michael com o **marxismo sociológico**.



A segunda seção temática concentra-se no trabalho pioneiro de Michael na **sociologia pública e global**.



A seção final reúne **depoimentos e reflexões pessoais**, enfatizando a dimensão humana da obra de Michael.

Crédito da capa: Michael Burawoy na Universidade Europeia em São Petersburgo, 2015. Foto de Tatyana Lytkina.



Dialogo Global é possível
graças a um generoso subsídio
da **SAGE Publications**.

> Nesta edição

Editorial: Edição especial em memória de Michael Burawoy	2
> MICHAEL E OS DOIS KARLS	
Marxismo sociológico: o que ainda precisa ser feito?	
por Klaus Dörre, Alemanha	5
Resistindo à exploração e ao fundamentalismo de mercado	
por Brigitte Aulenbacher, Roland Atzmüller, Fabienne Décieux, Raphael Deindl, Karin Fischer e Johanna Grubner, Áustria	7
Para Michael Burawoy: uma homenagem	
por Nancy Fraser, EUA	9
A sociologia pública de Michael e a economia da atenção	
por Ngai-Ling Sum e Bob Jessop, Reino Unido	12
Michael Burawoy sem fronteiras	
por Heidi Gottfried, EUA	14
A árvore do marxismo sociológico de Michael Burawoy	
por Michelle Williams, África do Sul	16
> MICHAEL E A SOCIOLOGIA PÚBLICA E GLOBAL	
Michael Burawoy, uma bússola para a sociologia em nossos tempos	
por Geoffrey Pleyers, Bélgica	19
Michael Burawoy: a sociologia como vocação	
por Nazanin Shahrokhni, Irã/Canadá	21
Michael Burawoy: entre o marxismo resiliente e a sociologia pública	
por Ruy Braga, Brasil	24
Burawoy e a arte da sociologia pública global: diálogos com a Rússia	
por Pavel Krotov, EUA, Tatyana Lytkina e Svetlana Yaroshenko, Rússia	27
Michael Burawoy: sociologia pública e otimismo da vontade	
por Fareen Parvez, EUA	30
Processo de trabalho e produção de hegemonia: a contribuição de Burawoy	
por Aylin Topal, Turquia	34
> DEPOIMENTOS	
Encontros e debates com Michael Burawoy	
por Ari Sitas, África do Sul	38
Michael Burawoy: um farol	
por Shaikh Mohammad Kais, Bangladesh	40
Homenageando Michael Burawoy: uma perspectiva marxista sobre a indústria de táxis de microônibus na África do Sul	
por Siyabulela Fobosi, África do Sul	42
A tabela periódica de uma utopia viável	
por David Goldblatt, Reino Unido	43
> SEÇÃO ABERTA	
Um tempo para a sociologia	
por Associação Internacional de Sociologia (ISA)	45

“**Sociologia pública sem Burawoy é como um pássaro sem uma asa. Mas, felizmente, ele ensinou a muitos jovens sociólogos “como voar”.**”

Labinot Kunushevci (Kosovo)

> Marxismo sociológico: o que ainda precisa ser feito?

por **Klaus Dörre**, Professor Emérito, Universidade de Jena, Alemanha

Karl Marx e Karl Polanyi são fontes fundamentais de inspiração para o marxismo sociológico desenvolvido por Michael Burawoy juntamente com seu amigo Erik Olin Wright.

> Marxismo: raízes, tronco, ramos

Burawoy entende o marxismo como uma tradição viva, enraizada no materialismo histórico, no humanismo e na compreensão específica da teoria e da prática do jovem Marx. Dessa raízes brotou o grande “tronco” do marxismo - a crítica da economia política elaborada em *O Capital* - do qual, por sua vez, brotaram muitos ramos: o marxismo alemão anterior à Primeira Guerra Mundial, o marxismo soviético, que se solidificou em dogma, e, como reações a estes, o marxismo ocidental e do Terceiro Mundo. Alguns ramos murcham, outros florescem; cada um corresponde às três ondas de mercantilização (a primeira no século XIX, a segunda a partir de 1918 e a terceira iniciada na década de 1970) que Burawoy delineia em sua análise crítica de Polanyi. Uma leitura de Polanyi em conjunto com Marx é fundamental para a compreensão de um marxismo sociológico que refletia sobre a terceira onda.

> Marxismo depois de Polanyi

Burawoy rompe com a ideia marxista convencional de que a esfera da produção é onde se deve buscar a oposição ao capitalismo. Para Burawoy, a produção é precisamente onde se gera o consentimento ao capitalismo. Dada a disponibilidade de uma força de trabalho global “excedente”, o emprego semiprotegido surge para o trabalhador não como exploração, mas como um privilégio cobiçado. Subjetivamente, não é a exploração, que ainda é indispensável para a acumulação de capital, mas, sim, a experiência da do “moinho satânico” do mercado (Polanyi) que molda a multiplicidade das existências humanas.

> Marxismo sociológico

A essa releitura do marxismo tradicional, Burawoy acrescenta outras ideias-chave. Em primeiro lugar, o marxismo sociológico precisa enxergar a mercantilização da natureza como a característica definidora da terceira onda de mercantilização. Burawoy, portanto, defende que os mercados sejam restringidos e os meios de produção sejam socializados, o que pode significar expandir, mas também restringir, as liberdades fundamentais. Em segundo lugar, o marxismo da terceira onda se concentrará na sociedade civil democrática para além do mercado e do Estado. Mercados e Estados não desaparecerão, mas devem ser colocados sob o controle de sociedades civis democráticas. Em terceiro lugar, esse marxismo concebe a sociedade civil como global e nacional, visto que uma sociedade civil que defende a humanidade contra catástrofes ecológicas iminentes deve, em última análise, ter uma dimensão global. Em quarto lugar, tal marxismo pode se valer da amplitude do conhecimento sociológico contido em obras amplamente reconhecidas de crítica ao mercado. Em quinto lugar, Burawoy mantém viva a ideia de uma sociedade socialista buscando pontos de alavancagem para uma transformação molecular pela sociedade civil, ou seja, a esperança de utopias reais. Ao identificar formas embrionárias de alternativas concretas em diferentes partes do mundo, em sexto lugar, ele amplia o marxismo sociológico em direção a um marxismo global que, em sétimo lugar, adota uma postura metodológica aberta, prescindindo de certezas teóricas e imperativos práticos, para experimentar novos equilíbrios entre teoria e prática

> Liberalismo autoritário

Com sua ideia de um socialismo fundamentado sociologicamente, Burawoy nos deixou um legado que devemos abraçar se quisermos ter chances de um futuro melhor. Três tarefas me parecem fundamentais nesse sentido. Uma delas é a necessidade de analisar as novas bifurcações sociais que emergem em resposta à mercantilização

>>

“o liberalismo autoritário só pode ser derrotado se alternativas confiáveis surgirem dentro do sistema político”

da natureza e do conhecimento, bem como à *Landnahme* - a apropriação, impulsionada pelas finanças, do trabalho e do dinheiro.

A terceira onda de mercantilização está chegando ao fim, com movimentos contrários à expansão do mercado emergindo cada vez mais de Estados e governos autoritários. Enquanto isso, a sociedade civil democrática, em toda a sua diversidade e independência, está cada vez mais ameaçada. Estamos começando a vivenciar uma quarta onda que, segundo Hermann Heller, teórico marxista da segunda onda, pode ser denominada “liberalismo autoritário”. Esse termo identifica um Estado autoritário que renuncia completamente à sua autoridade em matéria de economia e reconhece apenas a liberdade de mercado. Hoje, parece que estamos presenciando justamente essa reação à transformação socioecológica marcada por conflitos: a economia está sendo libertada das amarras burocráticas, enquanto a proteção climática, quando ainda é buscada, está sendo deixada à mercê das forças de mercado e da inovação tecnológica. Políticas comerciais neomercantilistas estão pondo fim à era da globalização impulsionada pelo mercado, acordos entre elites estão substituindo a diplomacia transnacional, o domínio oligárquico está corroendo a democracia por dentro e uma guerra cultural fundamentalista está liquidando direitos humanos básicos. Os privilégios de classe estão se consolidando, o sexismo e o racismo estão se transformando em ideologia de Estado, e as universidades, às quais Burawoy atribuiu um papel central na luta contra a mercantilização, estão sujeitas à tirania estatal. Essa nova onda de comercialização centra-se nas relações sociais. Já que supostamente não há mais o suficiente para todos, apenas os habitantes mais produtivos da Terra terão direito à vida; e isso em zonas de prosperidade isoladas do resto do mundo, propenso a desastres, por todos os meios disponíveis.

> Retorno da questão de classe

Num mundo marcado por guerras e desastres, outra das tarefas vitais que Burawoy nos legou decorre da ideia de que não basta buscar alternativas dentro dos nichos do antigo sistema. Embora tais esforços para construir o socialismo de baixo para cima ainda sejam importantes, também é evidente que o “liberalismo autoritário” dos novos oligarcas só poderá ser derrotado se surgirem alternativas confiáveis, capazes de conquistar o apoio da maioria, em todo o sistema político. Seria, portanto, negligente abandonar a luta pelo poder estatal. Para

contrariar a destruição contínua da razão, a exploração e a dominação que se escondem por trás da lógica de mercado devem ser novamente expostas ao escrutínio público. As reflexões de Erik Olin Wright sobre uma teoria de classe integrativa, que conecta Marx não apenas com Polanyi, mas também com Weber e Bourdieu, e sobre tudo com as vozes intelectuais do marxismo “negro” e feminista, parecem-me centrais para essa empreitada.

> Marxismo global

Independentemente da opinião que se tenha sobre essas propostas, o desenvolvimento de um marxismo sociológico com uma autoimagem global permanece uma aspiração ainda por concretizar e a terceira tarefa que considero central para o legado de Burawoy. Com a morte chocante de Michael, testemunhamos o desaparecimento gradual de uma geração de sociólogos moldada acadêmica e politicamente pelos movimentos (pós-)1968. Novas gerações estão surgindo, é claro, e é uma tarefa valiosa para os sociólogos da minha geração apoiar e encorajar todos aqueles que utilizam a ideia de marxismo sociológico de Michael como base para a reflexão. Podemos apoiar a geração mais jovem ouvindo-a; criticando os novos comitês centrais em busca de verdades eternas, bem como a ideia de um “supermercado” marxista onde as ideias são escolhidas a dedo de acordo com o espírito da época, sem se engajarem com as queixas sociais cotidianas dos oprimidos. Em suma, devemos buscar urgentemente plataformas e formatos que possibilitem uma troca que concretize o que Michael idealizou como uma ideia performativa: um marxismo global que indique o caminho para superar o capitalismo, suas guerras e catástrofes. ■

Contato com Klaus Dörre em: <klaus.doerre@uni-jena.de>

Os interessados nessas reflexões também podem consultar os resultados do projeto *Emancipação através do Socialismo*, dirigido pelo autor em conjunto com estudantes e jovens sociólogos, em:
<https://emasoc.de/sozialismus-von-unten-emanzipatorische-ansaeze/>

> Resistindo à exploração e ao fundamentalismo de mercado

por **Brigitte Aulenbacher, Roland Atzmüller, Fabienne Décieux, Raphael Deindl, Karin Fischer e Johanna Grubner**, Universidade Johannes Kepler de Linz, Áustria

Asociologia de Michael Burawoy é marxiana, polanyiana e muito mais. Este artigo reflete sobre sua obra mais impressionante e inspiradora, culminando em sua análise do capitalismo de mercado do século XXI.

> Michael e Karl Marx

A amplitude e a persistência da obra de Michael são difíceis de resumir em poucas palavras: é fácil perder-se em meio a uma série de trajetórias instigantes. Não por acaso, ele descreveu seu longo envolvimento com o desenvolvimento dos processos de trabalho como uma [“Odisseia de um etnógrafo marxista”](#), ou compreendeu seu papel na renovação do marxismo (sociológico) como o de um “intérprete itinerante”.

A perspectiva teórica de Michael abrange os debates no interior do marxismo, bem como da sociologia clássica. Seu trabalho sobre processos laborais dialoga, entre outras coisas, com as premissas marxistas sobre a natureza propensa a crises do capitalismo, a importância das lutas de classes, o estabelecimento da hegemonia da classe dominante no e pelo chão de fábrica e as condições para a transformação revolucionária. Contudo, desde o início, seu uso da tradição teórica marxista foi marcado por uma abordagem crítica a algumas de suas premissas gerais. Seus estudos sobre processos de trabalho demonstraram as maneiras necessariamente variáveis pelas quais as características estruturais do modo de produção se concretizam. Essa percepção impediu qualquer aplicação dogmática de conceitos teóricos, seja na ciência ou na prática política. Sua perspectiva de longo prazo exigia que enfrentássemos as dinâmicas transformadoras do capitalismo.

> Complementando Karl Marx com Karl Polanyi

A transformação fundamental do capitalismo desde a década de 1970, que Michael diagnosticou como a [“ter-](#)

[ceira onda de mercantilização”](#), e o fim do “socialismo real” levaram Michael a deslocar seu foco para a relação entre sociedade e mercado. Essa mudança fundamenta sua conceituação de marxismo sociológico, baseada em pensadores tão diversos quanto Antonio Gramsci e Karl Polanyi. Para Michael, um marxismo sociológico é transnacional, busca incorporar as experiências da descolonização e do pós-colonialismo, leva em conta a fragmentação patriarcal das sociedades e reconhece a diversidade de lutas sociais e as formas potenciais de uma sociedade pós-capitalista.

A ambição de Michael de reconceitualizar o legado marxista “para os nossos tempos” também se baseava no reconhecimento de que era preciso abandonar certezas teóricas. Em vez disso, o que se fazia necessário era um diálogo igualitário entre a teoria social crítica e a ciência, e a prática social transformadora.

Em particular, desde a crise financeira de 2008, Michael inspirou-se cada vez mais na obra-prima de Karl Polanyi [A Grande Transformação](#). Em seu discurso presidencial [Enfrentando um mundo desigual](#) no XVIII Congresso Mundial de Sociologia, no Japão, apresentou sua leitura atualizada de Polanyi e os resultados das controvérsias e debates sobre sociologia pública, isto é, sobre as tarefas da sociologia em tempos de crises fundamentais. A reflexão sobre a sociologia tornou-se um componente essencial de sua análise polanyiana do fundamentalismo de mercado contemporâneo e vice-versa; ambas convergem para o que ele chamou de uma “sociologia global polanyiana”: uma sociologia de, em e para a sociedade, fortemente vinculada à sociedade civil e combinando perspectivas globais e locais.

> Fundamentalismo de mercado como “experiência vivida”

Inspirada por reflexões sobre mudanças transformadoras em diversos países, a interpretação de Michael sobre a “Grande Transformação” de Polanyi foi bastante origi-

>>

“uma sociologia de, em e para a sociedade, combinando perspectivas globais e locais”

nal. Ela combinou, de forma impressionante, uma reflexão histórica e sociológica sobre os “movimentos” e “contramovimentos” dos séculos passados e do presente. Um dos aspectos mais importantes da teoria polanyiana de Michael sobre o fundamentalismo de mercado é a análise conjunta das três ondas de mercantilização em nível macro e meso, e da mercantilização como “experiência vivida” pelas pessoas em seu cotidiano. De uma perspectiva histórica, ele demonstrou que a mercantilização, pelo fundamentalismo de mercado, das “mercadorias fictícias” polanyianas - terra/natureza, trabalho e dinheiro, às quais acrescentou o conhecimento - provocou “contramovimentos” sob a forma de lutas por direitos trabalhistas, sociais e humanos, fossem elas lutas de classe ou demandas por proteção legal e marcos regulatórios.

Fundamentalmente, sua perspectiva sobre os “contramovimentos” de nossa época nos permite compreender que a experiência cotidiana estimula diferentes formas de protesto social. Em tempos de fundamentalismo de mercado, não apenas a mercantilização, mas também os processos de desmercantilização, ex-mercantilização e remercantilização podem levar a problemas fundamentais, especialmente para aqueles excluídos das trocas de mercado devido ao desemprego ou diante de problemas ecológicos não lucrativos e, portanto, ignorados. Longe de romantizar a sociedade civil - particularmente em meio ao crescente populismo de direita - a amplitude dos movimentos trabalhistas e sociais no início do século XXI representa, para Michael, uma ampla gama de “contramovimentos” polanyianos que são centrais para a transformação em curso do capitalismo.

> A sociologia de Michael sobre e para os movimentos sociais

Partindo da análise de Polanyi, Michael argumentou que a mercantilização é a experiência definidora do nosso tempo. A exploração, embora fundamental para qualquer crítica ao capitalismo, muitas vezes não é percebida conscientemente como tal, uma percepção que Michael já havia desenvolvido em *Manufacturing Consent*. Em sua “teoria geral”, as três ondas de mercantilização não são vistas isoladamente, mas compreendidas como interconectadas por meio de uma dinâmica dialética, talvez até regressiva.

Michael previa que a mercantilização da natureza desempenharia um papel fundamental na fase atual. Ele enfatizou que um contramovimento eficaz deve surgir em escala global, pois somente nesse nível a destruição da natureza e as maquinações globais do capital financeiro podem ser contestadas de forma significativa. Contudo, tal contramovimento precisa superar fronteiras geopolíticas arraigadas, restrições nacionais e a lógica de curto prazo engendrada pela mercantilização.

Contra um otimismo ingênuo, Michael defendeu um pessimismo intransigente. Ele se baseou tanto em Polanyi quanto em Marx, combinando os conceitos de Polanyi de mercadorias fictícias e contramovimentos com uma análise marxista da dinâmica capitalista. Somente por meio de um exame cuidadoso das forças materiais que impulsionam a mercantilização podemos começar a avaliar se os movimentos sociais contemporâneos estão contribuindo para sua intensificação, intencionalmente ou não, ou para revertê-la.

> Sentimos falta de Michael

Tendo acompanhado seu trabalho sociológico por anos, recordamos com carinho a longa e enriquecedora colaboração com Michael. Somos gratos pelas inúmeras oportunidades de encontrá-lo, de nos beneficiarmos de sua obra, de trocar ideias e colaborar, bem como por sua generosidade intelectual, seu engajamento acadêmico e seu estimulante senso de humor. Como professor visitante em nossa universidade, Michael inspirou a fundação da Sociedade Internacional Karl Polanyi na Áustria. Como fundador da *Diálogo Global*, ele nos convidou a contribuir para esta revista incrível. Muito mais poderia ser dito. Um pensador excepcional de nossa época nos deixou. Sentimos sua falta. ■

Contato com Brigitte Aulenbacher em: <brigitte.aulenbacher@jku.at>

> Para Michael Burawoy: uma homenagem

por Nancy Fraser, Nova Escola de Pesquisa Social, EUA

Todos nós ficamos chocados e consternados com a notícia da morte trágica e sem sentido de Michael Burawoy. Para mim, essa notícia também trouxe uma pontada de arrependimento pelas oportunidades perdidas. Eu sempre admirei o brilhantismo intelectual, o engajamento político e a cordialidade de Michael. Mas desperdicei a chance de desenvolver uma relação mais contínua com ele. Na verdade, interagimos apenas esporadicamente: primeiro, na Universidade Northwestern, em meados da década de 1990, quando ele era professor visitante e eu me preparava para ir para a Nova Escola; e mais tarde, em uma série de conferências e seminários, onde discutimos Marx e Polanyi, Gramsci e Du Bois, tudo com o objetivo de esclarecer as perspectivas para a transformação democrático-socialista. Cada um desses encontros foi frutífero em si mesmo, mas também carregado de promessas futuras. Na Northwestern, Michael interveio em meu apoio em um momento difícil e crítico, em um ato que só pode ser descrito como de generosidade altruísta e espontânea. Em conferências, ele me envolvia em debates brilhantes e apaixonados, que me impulsionavam a pensar de forma mais profunda e crítica. Só agora, diante de sua perda, percebo o quanto ele foi importante para mim. E só agora sinto o quanto perdi por não ter buscado um diálogo mais constante com ele.

> **Inspiração compartilhada**

Certamente, havia muito o que discutir, dado o quanto Michael e eu tínhamos em comum. É verdade que ele era um sociólogo nascido na Grã-Bretanha que estudou regimes trabalhistas em três continentes, enquanto eu sou uma filósofa estadunidense relativamente provinciana. Mas ambos éramos da geração *baby boom* e da Nova Esquerda, e encontramos nossas respectivas vozes em um momento extraordinário de ascensão global emancipadora. Dessa experiência, ambos forjamos o compromisso de desenvolver um marxismo para os tempos “pós-comunistas”, capaz de integrar lições du-

ramente aprendidas com as deformações socialistas anteriores e *insights* indispensáveis, ainda que pouco desenvolvidos, dos novos movimentos sociais. O que mais me impressiona agora, no entanto, é que ambos encontramos matéria-prima para essa reflexão em muitos dos mesmos pensadores.

Karl Polanyi é um exemplo disso. Nele, tanto Michael quanto eu vimos um pensador que complementava e enriquecia Marx. Não convencidos pelos que opunham “os dois Karls” como antitéticos, desenvolvemos, de forma independente, leituras de *A Grande Transformação*, interpretando-a como uma obra que oferece compreensões ampliadas e transmarxianas da crise capitalista e da luta social.

> **Novas formas de compreender as lutas nas sociedades capitalistas**

Para nós dois, a análise de Polanyi sobre a fictícia mercantilização da terra, do trabalho e do dinheiro revelou as raízes estruturais, na sociedade capitalista, das crises ecológicas, da reprodução social e financeiras, apesar da distância das duas primeiras em relação à “economia”. Mas a formulação de Michael sobre esse ponto foi singularmente brilhante, evocando um Polanyi não essencialista e profundamente marxiano. Nas palavras de Burawoy, a mercantilização fictícia reduz a terra, o trabalho e o dinheiro a valor de troca e, assim, destrói seu valor de uso, inclusive como condições de possibilidade para um mercado de mercadorias genuínas.

Para nós dois, a ideia de Polanyi de um “duplo movimento”, que opunha defensores da ampla mercantilização aos proponentes da proteção social contra ela, sugeriu uma nova maneira de compreender as lutas nas sociedades capitalistas. Localizados longe do ponto de produção, esses conflitos são o que chamei de “lutas de fronteira”, que contestam a gramática da vida e o desenho institucional da sociedade, em oposição à distribuição da mais-valia. Para Michael e para mim, portanto, a figura de Polanyi

>>

“as elites liberais claramente carecem da vontade de defender o próprio sistema que outrora as fortaleceu”

serviu para superar o economicismo, multiplicando os espaços e as formas de ativismo anticapitalista para além daqueles centrais ao marxismo clássico.

> **Interpretações divergentes: ceticismo versus poder e promessa**

No entanto, havia uma diferença crucial. Enquanto eu era profundamente cética em relação à invocação de “sociedade” por Polanyi, que eu considerava essencialista e uma forma de obscurecer a dominação não baseada no mercado, Michael a interpretava positivamente como “sociedade ativa”. Criada pelo desenvolvimento capitalista e, portanto, historicamente específica, a sociedade polanyiana lhe parecia repleta de dinamismo. Repleto de energias ativistas, ela prenunciava uma nova forma de socialismo na qual o supostamente autorregulado mercado seria subordinado a uma sociedade verdadeiramente autorregulada. Apenas agora, ao reler seu brilhante ensaio de 2003, “Por um marxismo socio-lógico”, é que passei a compreender plenamente a força e a promessa da interpretação de Michael.

> **Convergência através da obra de Gramsci**

O famoso ensaio propunha uma convergência entre Polanyi e Antonio Gramsci, que representa um segundo ponto de referência importante que eu compartilhava com Michael. O italiano também afirmava a centralidade da sociedade no capitalismo desenvolvido. Diferentemente de Polanyi, contudo, Gramsci teorizou a “sociedade civil” de forma dialética: tanto como uma arena de contestação de classes quanto como uma limitação a essa contestação. Específica das sociedades capitalistas desenvolvidas, a sociedade civil é um espaço intermediário entre a economia e o Estado, um *locus* de escolas e igrejas, tribunais e agências de bem-estar, universidades e centros de pesquisa, sindicatos e associações profissionais, meios de comunicação e museus. É ali que a opinião pública e as compreensões cotidianas são formadas e circulam, onde o senso comum burguês é tornado hegemonicó e onde o consentimento dos dominados à dominação de classe é (em maior ou menor grau) conquistado.

Mas não é só isso. A sociedade civil é também um espaço de contestação, onde o consentimento pode se desfazer e uma contra-hegemonia pode, em princípio, ser construída. Simultaneamente um terreno de contenção e de disputa, ela indica tanto a autonomia relativa da política em relação à economia quanto a inserção da primeira em matrizes institucionais específicas, campos

de força estruturados por classe e conjunturas históricas determinadas.

Para Michael, como para mim, essa visão foi fundamental. Ambos fizemos amplo uso de uma vasta gama de conceitos gramscianos, incluindo sociedade civil, Estado ampliado (ou integral), bloco histórico, crise de autoridade, interregno, revolução passiva, subalternidade, hegemonia e contra-hegemonia, senso comum e bom senso, guerra de posição e guerra de movimento, fordismo e “americanismo”.

Michael e eu nos conectamos pela primeira vez por causa do uso que fiz de algumas dessas ideias em um ensaio inicial. Atuando em grande parte por intuição, canalizei de modo semi-consciente temas gramscianos para analisar as “lutas em torno das necessidades” no capitalismo social-democrata tardio e de Estado de bem-estar. Manifestadas no domínio historicamente específico do “social”, onde questões antes consideradas “privadas” tornaram-se objeto de disputa, essas lutas diziam respeito não apenas à satisfação das necessidades, mas também à sua interpretação e aos modos de governamentalidade pelos quais poderiam ser atendidas e controladas dentro das agências estatais. Elas também eram lutas de fronteira, mas que, em oposição a Polanyi, configuravam um “movimento triplo”, envolvendo não dois, mas três grupos de antagonistas: ativistas radicais, que militavam pelo caráter político e público das necessidades “fora de controle” e por sua disposição participativo-democrática; conservadores, que buscavam reconduzir essas necessidades às esferas da família e do mercado, onde antes haviam sido despolitizadas; e tecnocratas liberais progressistas, que procuravam traduzi-las para a linguagem administrativa e satisfazê-las burocraticamente. Michael compreendeu melhor e mais cedo do que eu o quanto essa análise devia a Gramsci. Sua discussão de 2003 sobre esse trabalho me inspirou a empreender um estudo sistemático dos *Cadernos do Cárcere* em um seminário de pós-graduação. Por isso, serei eternamente grata.

> **Quando o domínio hegemonicó passa a ser imposto em vez de consensual**

Michael também compreendeu o quanto Gramsci tem a oferecer agora, em uma conjuntura histórica muito mais sombria. Em uma era dominada pelo trumpismo (e seus muitos análogos ao redor do mundo), é útil recordar o contraste feito pelo grande comunista italiano entre o funcionamento “normal” do poder hegemonicó em uma sociedade liberal-democrática desenvolvida e sua degene-

>>

ração política patológica no fascismo. A interpretação de Michael sobre a obra de Gramsci é exemplar. Ao explicar o conceito de poder hegemônico como uma amalgama equilibrada de consentimento e força, ele nos lembra que, para Gramsci, o Estado capitalista, em sua forma não patológica, é em sua forma não patológica, é “apenas o fosso externo, atrás do qual se ergue o poderoso sistema de fortalezas e trincheiras” que constitui a sociedade civil. Na medida em que esse “sistema” promove o consentimento à dominação de classe, ele reduz tanto a necessidade quanto a visibilidade do uso direto da força.

Hoje, é claro, essas fortalezas e trincheiras estão sob ataque — e não por parte da esquerda. Nos Estados Unidos, pelo menos, o Estado *MAGA* está anexando sistematicamente as instituições centrais da sociedade civil liberal-democrática: destruindo a autonomia das instituições educacionais, científicas e culturais; dos meios de comunicação independentes do Estado e das agências governamentais autônomas; bem como das empresas privadas, ONGs e associações profissionais. Ao desfazer, assim, os canais “normais” da sociedade burguesa para gerar consenso, está alterando o equilíbrio hegemônico em favor da força. A visibilidade desta última agora se impõe, tanto como realidade bruta quanto como ameaça iminente. O policiamento é militarizado, os protestos são reprimidos e os migrantes são arrancados das ruas por homens mascarados e sumariamente deportados. O medo se instala no país. Se isso se assemelha muito a um fascismo incipiente, ele prenuncia um fascismo de novo tipo, que invoca o espectro não de um movimento socialista real, mas de uma “esquerda *woke*”, aliada aos neoliberais e com pouco apoio da classe trabalhadora.

> **Como se defender do (proto)fascismo: a mobilização dos *insights* de Burawoy**

Onde, nessa conjectura, se concentraria uma oposição efetiva? Certamente não entre as elites liberais. Longe de organizar uma autodefesa militante e coordenada da sociedade civil, as principais figuras desse estrato abandonaram qualquer ideia de ação coletiva e se apressaram em negociar acordos privados. Claramente, lhes falta a vontade de defender o próprio sistema que outrora lhes conferiu poder. Uma oposição efetiva, se surgir, virá de outro lugar.

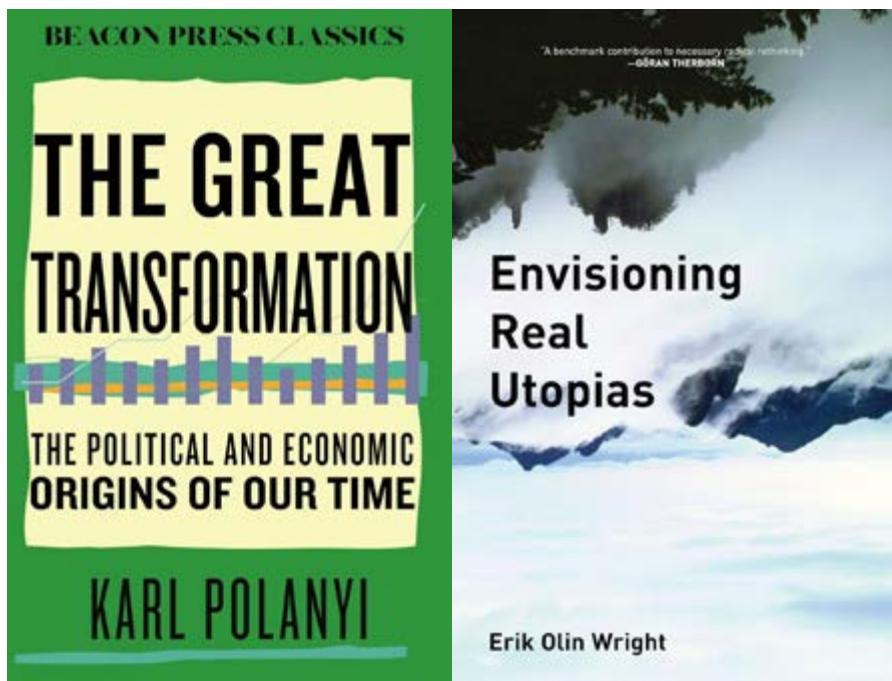
Poderia tal oposição vir de baixo? Poderia emergir um bloco histórico liderado pelos subalternos capaz de constituir uma oposição crível ao (proto)fascismo? Presumivelmente, o objetivo principal de tal bloco não seria restaurar o equilíbrio “não patológico” entre força e consentimento que “normalmente” consolida a autoridade burguesa em apoio à dominação de classe capitalista. Seria, antes, o de superar essa autoridade e essa dominação. Mas, para que tal bloco fosse viável, massas críticas de sujeitos subalternos teriam de superar os abismos de incompreensão tóxica que hoje os dividem, sobretudo, os abismos raciais. Ainda é concebível um processo assim?

Michael teria muito a dizer sobre essa questão. É uma perda terrível para a esquerda que sua voz agora esteja silenciada. Felizmente, porém, ele nos deixou um rico legado de reflexões rigorosas e imaginativas das quais podemos nos valer. É mobilizando seus insights para esclarecer as perspectivas contemporâneas de emancipação que melhor poderemos homenagear esse pensador brilhante e humanista. ■

Contato com Nancy Fraser: <frasern@newschool.edu>

> A sociologia pública de Michael e a economia da atenção

por Ngai-Ling Sum e Bob Jessop, Universidade de Lancaster, Reino Unido



A Grande Transformação, de Karl Polanyi (Beacon Press, edição de 2025), e *Utopias Reais*, de Erik Olin Wright (Verso Books, 2010).

Este texto é uma homenagem à ideia inovadora e influente de Michael sobre a “sociologia pública” e como ela pode ser aprimorada para abordar a economia da atenção e a era pós-verdade de Trump. Teoricamente, ele distinguiu Marx de Polanyi e tentou sintetizar e expandir seus trabalhos, especialmente sobre as três ondas de mercantilização, ao examinar o capitalismo, a mercantilização, a exploração e as desigualdades.

> Michael, Marx e Polanyi

Michael via Marx como um teórico da exploração capitalista na produção, preocupado principalmente com a primeira onda de mercantilização. Em contraste, via Polanyi como um teórico da mercantilização nas relações de mercado, que abordou a primeira e a segunda ondas. Polanyi observou como a mercantilização das mercadorias fictícias (força de trabalho, dinheiro e terra), nenhuma delas produzida diretamente para a venda, embora todas tenham preço, levou ao fracasso dos mercados autorregulados e levou a sociedade a regulá-los para preservar o valor de

uso desses bens. Michael ampliou a análise de Polanyi para incluir uma terceira onda de mercantilização, iniciada pelo neoliberalismo na década de 1980. Essa onda envolveu a mercantilização da natureza, que resultou em degradação ambiental, e a mercantilização do conhecimento, na forma dos direitos de propriedade intelectual e do sistema universitário.

Essa síntese entre Marx e Polanyi continuou em 2022, quando Michael se apoiou nas pesquisas teóricas e empíricas de E. O. Wright sobre as chamadas “utopias reais”. Elas não abolem os mercados nem os Estados, mas os subjugam à auto-organização coletiva da sociedade. Reintroduzem a sociedade no socialismo e mostram como, enquanto contramovimentos, se unem por sua resistência a diferentes formas de mercantilização, como a Wikipedia, que se opõe à mercantilização do conhecimento. O marxismo sociológico de Michael via a sociologia pública como especialmente bem situada para investigar a mercantilização fictícia e as formas de reação da sociedade diante dela.

>>

> A economia da atenção e a era pós-verdade de Trump.

Em sua última entrevista, concedida pouco antes de falecer, em 2025, Michael destacou a importância da era Trump. Isso pode ser visto como o estágio mais recente da terceira onda de mercantilização, especialmente a da mercantilização da atenção. Nessa fase, o conhecimento baseado em dados comportamentais é gerado a partir de usuários de mídias sociais por meio de gamificação voltada para o entretenimento (por exemplo, quizzes, parcerias com influenciadores, moeda virtual, sistemas de pontos exclusivos, redes sociais etc.) e discursos/imagens hiperbólicos. Essas práticas de incentivo mantêm os usuários engajados e presos na economia da atenção. Em uma análise crítica, a atenção humana torna-se, portanto, um recurso escasso que pode ser mercantilizado para gerar valor de troca. As empresas competem para atrair, capturar, filtrar e monetizar dados e atenção. Essa mercantilização na economia da atenção é mediada pelos titãs das mídias sociais do Vale do Silício (por exemplo, Zuckerberg, da Meta). Esses atores coletam dados em suas plataformas, os armazenam em seus *data centers* e detêm as chaves para o *design* de algoritmos e técnicas gamificadas/persuasivas destinadas a manter a atenção das pessoas focada em seus sites. Eles também fornecem aos usuários alguns produtos midiáticos ou socioeconômicos (por exemplo, brindes digitais, vídeos, feeds de notícias, redes sociais) para atraí-los e influenciar suas opiniões, e possivelmente para moldar o resultado econômico e político dos eventos.

Nesse sentido, a atenção das pessoas gera valor de troca, pois é tanto um recurso quanto uma moeda. Como recurso, torna-se importante para impulsionar as vendas e influenciar. Como moeda, a atenção cognitiva, emocional e afetiva dos usuários pode ser trocada por certos presentes e serviços tecnológicos (por exemplo, ingressos para eventos virtuais, engajamento social, buscas na internet) e, por sua vez, cede parte do controle sobre essa mesma atenção (por exemplo, exposição a anúncios e *tweets* políticos superficiais) a influenciadores e comerciantes de atenção. Estes últimos obtêm valor de troca revendendo esse controle aos anunciantes, que pagam com base na quantidade de atenção conquistada (por exemplo, por quanto tempo e com que intensidade os usuários assistem aos anúncios). Da mesma forma, influenciadores atraem a atenção dos consumidores por meio de mensagens no Instagram, TikTok e X, e buscam monetizar sua influência econômica e política.

A economia da atenção também está remodelando a política e a sociedade. Trump personifica o astro da era pós-verdade, movido pela busca de atenção, criou a marca *Trump* e agora a utiliza como político. Ele atrai atenção por meio das redes sociais (como Fox News, X e Truth Social), usadas como dispositivos algorítmicos de filtragem

e câmaras de eco para conectar indivíduos e grupos politicamente afins. Essas plataformas lhe permitem caricaturar os oponentes e lançar slogans e frases de efeito mobilizadoras, como “*Make America Great Again*”, que apelam rapidamente às emoções (esperanças, medos e ansiedades) de sua base social populista. Outros políticos acabam precisando responder a seus memes simplificados e ao seu estilo teatral, o que lhe permite moldar os espaços discursivos, emocionais e políticos. Essa reconfiguração da comunicação política na era da atenção afeta as cognições e emoções individuais e sociais, polarizando a sociedade segundo novas linhas de divisão.

> A sociologia pública e a pós-disciplinaridade de Michael

Em resposta ao veemente apelo de Michael pela sociologia pública, esse desenvolvimento cria um terreno extremamente fértil para a prática de contramovimentos no plano global da terceira onda de mercantilização da economia da atenção pós-verdade. As utopias reais são o elo mediador entre Marx e Polanyi, pois oferecem formas de resistência de base que contestam a mercantilização da atenção e da cognição, ainda que, reconhecidamente, nem sempre em escala global. Entre os exemplos dessas ações de base estão o “ativismo da atenção” promovido por plataformas descentralizadas e os “santuários de atenção” voltados ao detox digital em nível local, que podem articular-se com outras escalas (trans) nacionais. Além da questão da escala, a mercantilização da atenção abrange tanto questões micro, relativas às cognições, sentimentos e emoções humanas, quanto fundamentos macroinstitucionais e computacionais da atenção, entendida como recurso, moeda e instrumento de manipulação por meio do controle da informação comportamental.

Essas mudanças podem nos exigir ampliar ainda mais a imaginação sociológica. Os públicos dos contramovimentos correlatos talvez precisem inclusive remobilizar as sociologias pública, de políticas, crítica e profissional, bem como combinar áreas de conhecimento de modo pós-disciplinar, a fim de fortalecer nosso saber acadêmico e comunitário. Isso implica ir além da sociologia, incorporando ideias e conexões oriundas da psicologia crítica, dos estudos pedagógicos e educacionais, da ciência computacional, dos estudos de mídia, da análise do discurso, da economia heterodoxa e da economia política (internacional). O objetivo é enfrentar essa superonda de mercantilização da atenção e da cognição, promovendo maior reflexividade epistemológica sobre as “utopias reais” e fortalecendo a performatividade institucional e agencial desses contramovimentos em diferentes contextos e escalas. ■

Contato com:
 Ngai-Ling Sum <n.sum@lancaster.ac.uk>
 Bob Jessop <b.jessop@lancaster.ac.uk>

> Michael Burawoy sem fronteiras

por Heidi Gottfried, Universidade Estadual de Wayne, EUA

O curso de pós-graduação em etnografia de Michael na Universidade de Wisconsin inspirou meus próprios esforços iniciais de pesquisa para integrar o feminismo e os microfundamentos de um marxismo gramsciano em um estudo de “[Flexibilidade como forma de regulação no setor de serviços temporários](#)”. Sua inspiração foi muito além do âmbito teórico, oferecendo apoio prático à minha primeira incursão etnográfica. Michael, que trabalhava em casa, tornou-se meu despachante, transmitindo-me as colocações de trabalho enviadas pela agência de empregos temporários. Assim, minha contribuição para esta edição especial baseia-se tanto em uma conexão pessoal quanto em um engajamento crítico com sua obra, a fim de tornar visível a linhagem de seus estudos sobre o trabalho em diálogo com os *Cadernos do Cárcere* de Antonio Gramsci e, posteriormente, com Karl Polanyi.

> A virada etnográfica

A propósito desses esforços, vale citar as reflexões de Burawoy sobre Donald Roy, “o sociólogo e trabalhador braçal”, apresentadas no simpósio do 20º aniversário de *Manufacturing Consent*. Michael iniciou sua réplica de forma irreverente, argumentando que “devemos ressuscitar nossos ancestrais, mas exaltá-los e colocá-los em um pedestal, é congelá-los no tempo e perder o que os torna significativos para o presente”. Suas palavras finais, proféticas, naquele ensaio capturam com precisão Michael, o mentor, o ativista, o intelectual: “Ele começou como sociólogo do trabalho industrial, mas terminou trazendo seus insights para casa, explorando novas abordagens para o trabalho do sociólogo.”

O legado de Michael não repousa apenas em suas contribuições teóricas. Ao combinar um estudo de caso aprofundado da vida cotidiana oriundo da Escola de Chicago com a tradição materialista do marxismo ocidental, *Manufacturing Consent* antecipou e ajudou a inaugurar a virada etnográfica no marxismo. Mais tarde, em *Global Ethnography* e *Ethnography Unbound*, Burawoy e seus colaboradores ancoraram a prática refinada da etnografia em histórias locais, que iam desde escritórios de assistência social na Hungria, passando por homens em situação de rua em São Francisco, até desenvolvedores de software na Irlanda e enfermeiras transferidas de Kerala, na Índia,

para Central City, nos Estados Unidos. Sociólogas feministas aplicaram a perspectiva micropolítica de Burawoy em estudos pioneiros sobre trabalho emocional, masculinidades e feminilidades (re)produzidas na fábrica, no escritório e nas relações de serviço.

Tanto *Ethnography Unbound* quanto *Global Ethnography* representam elos na cadeia genealógica que têm origem em Chicago e na Universidade de Manchester. *Global Ethnography* repensa o significado de “campo”, destacando o aparente paradoxo de uma etnografia global, quando a metodologia havia sido concebida para o estudo do local, libertando assim a etnografia das restrições de um tempo e de um lugar únicos. Burawoy então conduz os leitores por uma vertiginosa viagem entre teóricos como Jameson, Castells, Harvey e Giddens, em busca de uma teoria adequada da globalização. Nesse percurso, ele escava temas compartilhados, apresentando a globalização em termos da recomposição do tempo e do espaço por meio do deslocamento, compressão, distanciamento e dissolução. A partir desses fragmentos temáticos, Burawoy constrói uma teoria da etnografia global.

> Marxismo(s) sociológico(s)

Uma curiosidade intelectual peripatética levou Michael a incursões profundas pela obra de grandes teóricos sociais, em busca de insights que renovaram o marxismo sociológico para o nosso tempo. “[Uma História de Dois Marxismos](#)” retoma temas desenvolvidos no confronto direto entre Gramsci e Polanyi. Embora Gramsci e Polanyi converjam em suas respostas às contradições e anomalias que surgem em conjunturas históricas específicas, uma análise mais aprofundada revela ênfases distintas desses dois grandes pensadores, e seus limites. Burawoy convoca Simone de Beauvoir e Nancy Fraser como protagonistas desse drama familiar, reconhecendo uma falha teórica que ele próprio não consegue superar plenamente em sua obra. Ele critica tanto Gramsci quanto Polanyi pela falta de atenção à organização interna da família ao tentarem compreender a política das sociedades que descreveram. Assim, o ensaio de referência de Gramsci, “Americanismo e Fordismo”, vinculava a função das famílias monogâmicas à gestão da produção fordista, enquanto Polanyi via a família como um possível baluarte contra a destrutividade do mercado e a mercantilização do trabalho. No entanto,

>>

“um marxismo sociológico renovado para o nosso tempo”

o feminismo de Michael se detém no limiar da família, em razão de uma compreensão teórica limitada das estruturas de gênero em relação à classe.

> A virada feminista

Inspirada por Burawoy, uma economia política feminista mais robusta avança das microfundamentações às macroestruturas para teorizar a neoliberalização do trabalho de cuidado. Repensar Polanyi sob uma perspectiva feminista parte do insight de que o trabalho reprodutivo é uma mercadoria fictícia e de que o contramovimento surge como resposta à mercantilização do cuidado. O trabalho de cuidado, em muitos domínios, foi apropriado pelos mercados. A crescente mercantilização da intimidade introduz cada vez mais aspectos da vida cotidiana e das relações sociais no mercado, onde passam a ser absorvidos pelos circuitos do capital. A reprodução capitalista envolve uma combinação complexa de trabalho reprodutivo remunerado (mercantilizado) e não remunerado (não mercantilizado), ambos indispensáveis à manutenção dos processos vitais. O trabalho não remunerado é apenas um dos insumos da produção doméstica, que também depende das mercadorias compradas com o dinheiro proveniente do trabalho remunerado, ambos necessários à sobrevivência das famílias sob o capitalismo. Existe, porém, uma contradição entre o impulso do capital de extraír lucro das atividades reprodutivas mercantilizadas e os benefícios contrários do trabalho não mercantilizado, que subsidiam os custos de reprodução das relações sociais capitalistas patriarcais e racializadas. As diferenças de classe, que se interseccionam com gênero e condição migratória, estão no cerne da dinâmica entre o trabalho doméstico mercantilizado e não mer-

cantilizado. A extensa privatização e mercantilização das atividades reprodutivas assenta-se sobre a estrutura de classe, frequentemente coincidente com a racialização. Famílias de baixa renda dependem do trabalho informal e não mercantilizado, enquanto famílias de alta renda podem pagar por serviços de mercado e se beneficiar mais diretamente de créditos fiscais e transferências em dinheiro, o que, quase sempre, implica trabalho altamente mercantilizado. Nessa conjuntura histórica, os movimentos contra-hegemônicos estão reimaginando a organização social do cuidado e do trabalho reprodutivo.

> Legados duradouros

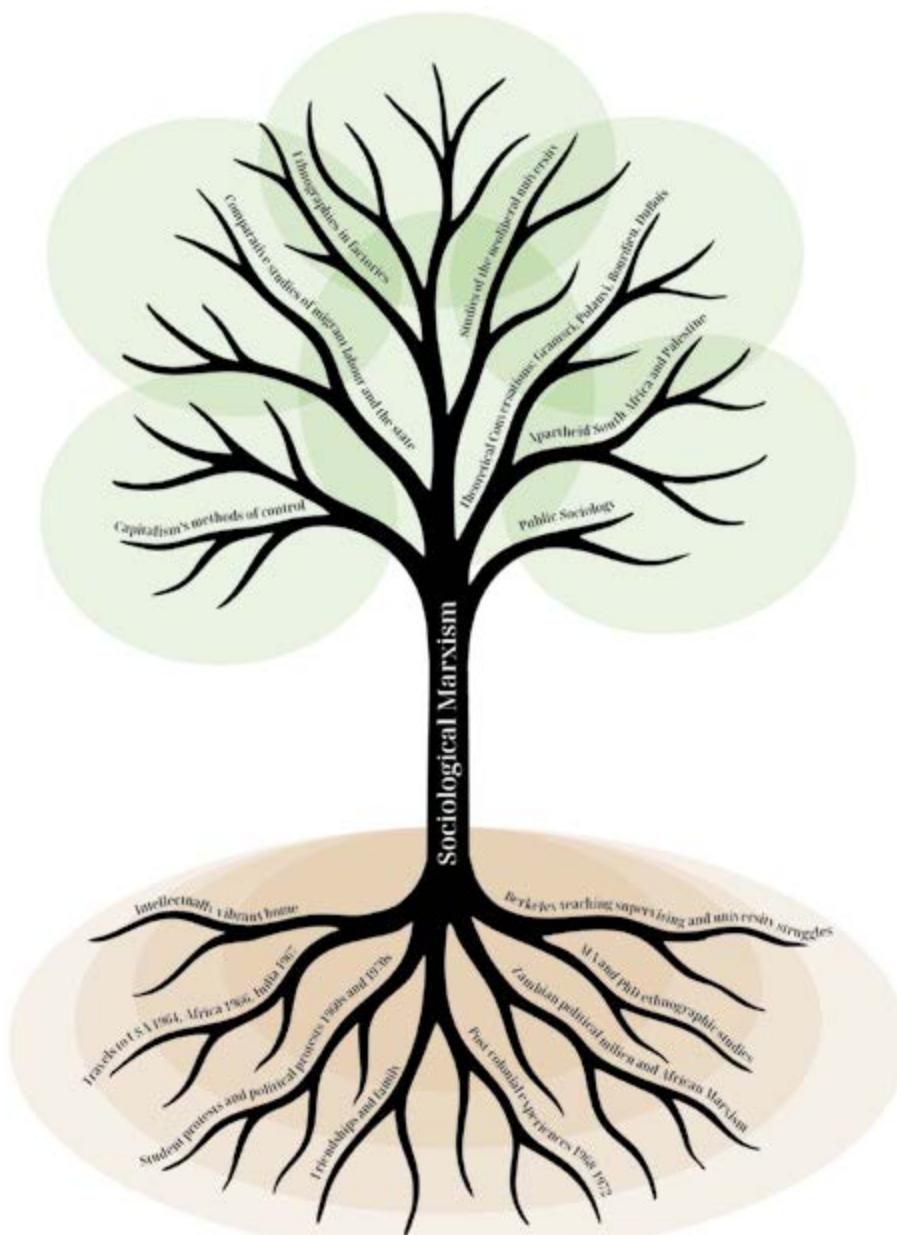
Esta breve biografia intelectual situa-se em um contexto político semelhante, assombrado pelo espectro do autoritarismo. O marxismo científico de Burawoy, articulado por meio de uma lente gramsciana/polanyiana/feminista, exige uma postura crítica para alcançar as “utopias reais” de fato, concebidas por seu amigo e camarada Erik Olin Wright. De ponta a ponta, do Copperbelt, na Zâmbia, ou da oficina mecânica em Chicago até os recentes apelos para que sociólogos se pronunciem sobre a Palestina, atravessa o texto a necessidade de interpretações históricas que revelem as conexões entre as reviravoltas do passado que apontam para futuros possíveis. ■

Contato com Heidi Gottfried: <Heidi.gottfried@wayne.edu>

> A árvore do marxismo sociológico de Michael Burawoy

por Michelle Williams, Universidade de Witwatersrand, África do Sul

Árvore do Marxismo Sociológico de Burawoy.
Crédito: Michelle Williams.



O espírito incansável e a mente excepcional de Michael Burawoy nos foram tirados em 3 de fevereiro de 2025. O ato cruel de violência de um motorista que fugiu após o atropelamento em Oakland, Califórnia, pôs fim à vida do lendário acadêmico. Michael foi meu orientador de mestrado e doutorado entre 1995 e 2005. Depois que deixei Berkeley e me mudei para a África do Sul, Michael me visitava regular-

mente e, ao longo dos anos, tornou-se um amigo muito próximo e permaneceu um mentor por todo esse período. Ele foi um dos meus críticos mais ferrenhos e um dos meus maiores aliados. Apesar de eu ter tentado enquadrar a contribuição de Michael para a sociologia e o marxismo ao longo de sua vida prolífica, sem dúvida sou parcial, e o que apresento reflete a visão limitada de uma aluna e amiga que tanto aprendeu com seu mentor. Michael sempre

>>

encontrava maneiras de melhorar tudo o que eu lhe entregava para ler, e tenho certeza de que este texto não seria diferente, embora eu espere que ele se divertisse com a minha “árvore do marxismo sociológico de Burawoy”.

> As raízes da árvore

Michael Burawoy era um tipo raro de acadêmico, com um compromisso inabalável e vitalício tanto com a sociologia quanto com o marxismo. Ele aplicou seu intelecto formidável a ambos os campos e encontrou uma maneira de combiná-los de forma incrivelmente produtiva e inovadora. Seu compromisso com ambos deriva, em parte, de sua biografia pessoal. Ele chegou à sociologia e ao marxismo por meio de experiências vividas que ficaram profundamente gravadas em seu senso de justiça e fascínio pelo mundo social. Seus pais eram judeus russos que deixaram a Rússia rumo à Alemanha na década de 1920, onde fizeram doutorado em química, mas depois partiram para a Inglaterra na década de 1930 com a ascensão de Hitler. A casa de seus pais era um lugar intelectualmente vibrante e politicamente engajado. No verão de 1964, Burawoy atravessou o Atlântico em um navio cargueiro norueguês e passou o verão viajando pelos EUA vendendo livros para uma livraria de Nova York. O país fervilhava com a energia social do movimento pela liberdade de expressão, do movimento pelos direitos civis, dos protestos contra a guerra do Vietnã e das revoltas urbanas. Para o jovem de dezessete anos, a viagem plantou as sementes de uma imaginação sociológica que encontraria raízes nos anos seguintes, durante suas incursões viajando pela Índia em trens de terceira classe e de carona pela África.

Após se formar em matemática pela Universidade de Cambridge, Burawoy aceitou um emprego como jornalista em Joanesburgo, África do Sul, e, após seis meses, mudou-se para a recém-independente Zâmbia, onde trabalhou no departamento de recursos humanos de uma grande multinacional do setor de mineração de cobre. Semelhante à efervescência social que vivenciara no verão de 1964 nos EUA, a África Austral fervilhava com a agitação política contra o *apartheid* e as lutas anticoloniais. Foi na Zâmbia que Burawoy teve contato com o marxismo, as dinâmicas pós-coloniais e as interseções entre classe e raça. Sua jornada na sociologia e no marxismo se consolidou quando se matriculou no mestrado em sociologia na Universidade da Zâmbia. O departamento de sociologia, composto por três membros, apresentou a Burawoy o marxismo, o método de estudo de caso ampliado, a etnografia e as articulações de raça, casta e classe. Ele passou a compreender o poder da sociologia e da teoria social para a compreensão do mundo. Seu amor pela sociologia se firmou! Para Burawoy, a sociologia aliada ao marxismo fornecia ferramentas poderosas para compreender o mundo e lançar as bases para transformá-lo para melhor. De fato, foi por meio de sua própria jornada pessoal de descoberta do mundo que ele desenvolveu sua fidelidade inabalável tanto à sociologia quanto ao marxismo. Ao colocar a sociologia em diálogo com o marxismo, ele encontrou um novo terreno no marxismo sociológico, um ramo do marxismo não doutrinário, que colocava a sociedade ao lado do Estado e da economia. Ele jamais se desviou desse

caminho e tinha pouca paciência para os jogos retóricos da moda frequentemente encontrada na academia.

Ao longo dos 50 anos seguintes, Burawoy se tornaria um dos sociólogos mais importantes de sua geração. Ele foi muitas coisas: um professor lendário, um orientador dedicado, um amigo e colega compreensivo, um marxista não doutrinário e um acadêmico extraordinário.

> O tronco da árvore

Burawoy era um sociólogo entusiasta, quase fervoroso, e um marxista brilhante, fascinado por questões e pelo desejo de futuros emancipatórios. Ele via o papel da sociologia como o de tornar visível o invisível, e o papel do marxismo como o de fornecer as ferramentas para compreender as forças sociais subjacentes ao invisível. O que tornava Burawoy tão inovador era a maneira incomum como ele formulava perguntas comuns. Por exemplo, enquanto trabalhava nas minas de cobre da Zâmbia, em vez de observar como os trabalhadores reagiam à independência do domínio colonial, ele se concentrou na forma como a gerência reagia, o que o levou a descobrir a crescente segregação racial à medida que os africanos ascendiam a cargos de gestão. Outro exemplo de sua abordagem incomum foi que, em vez de buscar resistência operária no chão de fábrica em sua etnografia da fábrica de Chicago, ele questionou por que os trabalhadores trabalhavam tanto, em um esforço para melhor compreender o capitalismo e seus métodos de controle.

Burawoy compreendeu que, enquanto o capitalismo existir, o marxismo também existirá. Assim como o capitalismo evoluiu ao longo do tempo, o marxismo também precisava se reconstruir para refletir os problemas de cada época. Para Burawoy, isso tomou forma específica em seu marxismo sociológico. Baseando-se em Gramsci e Polanyi, o marxismo de Burawoy analisou noções historicamente específicas de sociedade para compreender a longevidade do capitalismo, bem como os espaços de esperança para além dele. Seu método etnográfico tornou visíveis as microfundamentações do capitalismo, e seu método do caso estendido articulou essas investigações de microprocessos com a macrossociologia. Assim, ele trouxe ao marxismo uma especificidade histórica que contribuiu para desenvolver uma tradição teórica marxista dinâmica, e à sociologia, um método antropológico forjado na Zâmbia, que ressaltava a importância das investigações microssociológicas para a teoria social. Para Burawoy, compreender a “sociedade” e seu papel no capitalismo era o ponto central tanto da sociologia quanto do marxismo. Em seu artigo de 2003, “*Sociological Marxism*”, ele explica que a “sociedade” ocupa o espaço institucional entre a economia e a sociedade. Inspirando-se na concepção gramsciana de sociedade civil interpenetrando o Estado e na ideia polanyiana de uma “sociedade ativa” que permeia o mercado, ele argumentava que o socialismo exige a subordinação do mercado e do Estado à sociedade.

>>

> Os galhos da árvore

Burawoy reformulou o marxismo primeiro por meio de seus estudos sobre regimes de trabalho e etnografias de locais de trabalho, e depois por meio de sua atenção voltada para a sociedade civil e os movimentos gerados no capitalismo avançado. Essa mudança marca uma transição da classe trabalhadora e do ponto de produção para a sociedade civil como elemento-chave para a superação do capitalismo. A primeira fase do marxismo sociológico de Burawoy concentrou-se no local de trabalho, também alinhada ao seu método etnográfico de estudo de caso ampliado. Ao trabalhar no chão de fábrica ao lado de outros trabalhadores, ele observou como o capitalismo gerava consenso no ambiente de produção, adaptando-se continuamente às condições em constante mudança. Por meio de diversas comparações em locais de trabalho em minas de cobre na Zâmbia, entre trabalhadores migrantes na Califórnia e no sul da África, e em fábricas em Chicago e na Hungria, Burawoy desenvolveu um marxismo “vivo” que ajudou a elucidar a dinâmica em constante transformação do capitalismo por meio das microfundamentações no chão de fábrica.

Após uma série de estudos etnográficos frustrados na Rússia no final da década de 1980 e início da década de 1990, Burawoy se deparou com questionamentos sobre a degeneração do socialismo em capitalismo, em vez da evolução do capitalismo em socialismo. A queda da União Soviética representou um ponto de virada para Burawoy, que abandonou suas ferramentas de fábrica e passou dos métodos etnográficos para o engajamento teórico com o marxismo. Ele começou refletindo sobre o marxismo sociológico e se envolveu profundamente com o projeto de “Utopias Reais” de Erik Olin Wright. Em seguida, passou a discutir a relação entre o marxismo e uma série de estudiosos: Gramsci, Polanyi, Bourdieu e Du Bois. Com a ascensão do neoliberalismo e uma nova geração de movimentos de resistência, Burawoy reconheceu a importância das lutas para além do ambiente de produção. Assim, suas incursões teóricas também marcaram uma mudança do foco da produção para a sociedade civil como um local significativo para o surgimento de novos sujeitos históricos. Michael Levien (em seu artigo de 2025, “Michael Burawoy: Marxista Sociológico”) faz uma observação semelhante, mostrando que suas intervenções teóricas levaram Burawoy a trilhar caminhos interessantes na reconstrução do marxismo. Nessa época, ele desenvolveu sua “Árvore do Marxismo”, tendo Marx e Engels como o tronco, do qual brotavam diversos ramos: os marxismos alemão, russo e soviético, ocidental e do Terceiro Mundo; Bakunin e o sindicalismo anarquista; e a social-democracia. Ele utilizou a metáfora da árvore para ilustrar a evolução do marxismo, bem como a forma como alguns ramos murcham e outros crescem.

À medida que ascendeu ao ápice da sociologia, primeiro como chefe do departamento de sociologia de Berkeley, depois como presidente da Associação Americana de Sociologia e, em seguida, como presidente da Associação Internacional de Sociologia, Burawoy também direcionou seu foco para a universidade neoliberal e, mais especificamente, para a sociologia. Novamente, a influência da África do Sul sobre Burawoy marcou essa mudança, à

medida que ele desenvolvia suas ideias sobre sociologia pública. Em visitas regulares à África do Sul nas décadas de 1990 e 2000, Burawoy encontrou uma sociologia nova e vibrante, profundamente engajada com a sociedade ao seu redor. A justaposição com a sociologia no Norte Global o levou a desenvolver uma representação esquemática de quatro tipos de sociologia: pública, crítica, profissional e política. Para Burawoy, a sociologia pública era a mais importante e central para a transformação social. Ele posicionou a sociologia pública como um baluarte crucial para o engajamento da sociedade civil contra o crescente neoliberalismo (o que Burawoy chamava de terceira onda de mercantilização) e para o reconhecimento da importância do Estado-nação. Ele também defendeu o desenvolvimento de uma sociologia global que seja enraizada localmente, mas que aponte para o global.

> A árvore do marxismo sociológico de Burawoy

A extraordinária trajetória intelectual de Burawoy talvez possa ser mais bem representada em uma “árvore do marxismo sociológico de Burawoy”. À semelhança de sua árvore do marxismo, ele fez crescer raízes sociológicas e marxistas a partir de um corpo de obra notável, consolidado por meio do marxismo sociológico. Para Burawoy, as raízes de sua árvore são um lar intelectual vibrante na infância, seus primeiros anos de viagens internacionais, os encontros com sociedades pós-coloniais, a sociologia engajada e o marxismo africano na Zâmbia, os protestos estudantis e políticos, a educação como prática transformadora, os métodos etnográfico e do caso estendido, os estudos comparativos, o poder da teoria social e a compreensão das forças do capitalismo. Essas raízes cresceram e formaram o tronco do marxismo sociológico. A partir desse tronco, ramificaram-se galhos vigorosos, compostos por investigações das microforças em fábricas na Zâmbia, em Chicago e na Hungria, por estudos sobre trabalho migrante e Estado, debates teóricos com Gramsci, Polanyi, Bourdieu e Du Bois, análises sobre a universidade neoliberal, estudos comparativos do apartheid na África do Sul e na Palestina, e pela própria sociologia pública (ver diagrama).

Burawoy não via o marxismo como um paradigma fixo, mas como uma tradição teórica em evolução que ajuda a esclarecer investigações específicas sobre o funcionamento do capitalismo e seus métodos de controle. Dessa forma, o marxismo sociológico ganha vida como uma árvore sempre crescente e ramificada, da qual brotam continuamente novas ideias e análises passadas são revisitadas e reformuladas.

Embora eu tenha tentado descrever a extraordinária contribuição de Burawoy para o marxismo sociológico neste breve artigo, estou apenas arranhando a superfície. Há muito mais a se extrair de seus prolíficos escritos. E para aqueles de nós que tivemos a sorte de ser seus alunos e colegas, seu ensino, mentoría e supervisão extraordinários nos legaram um guia inspirador e um incrível conjunto de obras como referência. ■

Um agradecimento especial a Joanne Morrison pela ajuda com o diagrama da árvore e a Vishwas Satgar e Peter Evans pelos comentários sobre este artigo

Contato com Michelle Williams: <michelle.williams@wits.ac.za>

> Michael Burawoy, uma bússola para a sociologia em nossos tempos

por Geoffrey Pleyers, FNRS e Universidade Católica de Louvain, Bélgica, e presidente da ISA (2023-2027)



Michael Burawoy em 28 de agosto de 2024, no Porto, Portugal. Foto de Geoffrey Pleyers.

Michael Burawoy faleceu repentinamente em 3 de fevereiro de 2025.

A Associação Internacional de Sociologia (ISA) lamenta a perda de um de seus presidentes mais influentes e inspiradores, um sociólogo global notável e criativo, um defensor de uma sociologia pública relevante para as pessoas e a sociedade civil, um professor inspirador que formou gerações de sociólogos e um ser humano extraordinário.

Nascido em 1947, Michael Burawoy formou-se inicialmente em matemática, até que, por acaso, leu um livro de sociologia na biblioteca do Christ's College, em Cambridge. Concluiu o mestrado em sociologia na Universidade da Zâmbia em 1972, paralelamente ao seu trabalho em uma mina de cobre. Ele então se transfe-

riu para a Universidade de Chicago, onde obteve seu doutorado com uma dissertação sobre os trabalhadores industriais de Chicago, que seria publicada como sua contribuição mais importante: *Manufacturing Consent: Changes in the Labor Process under Monopoly Capitalism* (University of Chicago Press, 1979). Posteriormente, realizou trabalhos de campo prolongados semelhantes em fábricas na Hungria e na Rússia pós-soviética.

À medida que o capitalismo e a exploração se baseavam cada vez mais na mercantilização do conhecimento, ele analisou o impacto das políticas neoliberais no ensino superior e como a produção de conhecimento foi monopolizada para ampliar o poder do mercado e do Estado. Ele defendeu uma sociologia pública que visasse produzir conhecimento relevante para os cidadãos, os movimentos sociais e a sociedade civil.

Professor de Sociologia na UC Berkeley por 47 anos, ele deixou uma marca indelével em gerações de estudantes. Viajante pelo mundo, construiu uma comunidade global de sociólogos comprometidos com pesquisas e análises que visam compreender o mundo e fornecer ferramentas para transformá-lo. Em 2022, recebeu um doutorado honorário da Universidade de Joanesburgo e, em 2024, o Prêmio W.E.B. Du Bois de Carreira Acadêmica Distinta da Associação Americana de Sociologia.

Ele exercerá um impacto duradouro sobre a maneira como concebemos a sociologia e o seu papel na sociedade. Sua obra exemplifica como a pesquisa empírica rigorosa pode informar e enriquecer os debates teóricos, e vice-versa. Ao integrar perspectivas locais, nacionais e globais, ofereceu análises abrangentes que ressoam entre disciplinas e orientam discussões públicas e políticas. Defendia “a articulação da pesquisa empírica com lentes teóricas”. Era tão apaixonado pela etnografia quanto pela teoria. Interessava-se tanto pelos atores quanto pelas estruturas da sociedade, o que fazia por meio de uma lente marxista, à qual contribuiu para revisitar e difundir. Ao longo de sua carreira, das minas de cobre da Zâmbia ao papel fundamental na revalorização de W.E.B. Du Bois como um dos fundadores centrais da sociologia norte-americana e global, passando pela luta em defesa de uma educa-

>>

ção pública acessível a estudantes de diferentes origens sociais, combateu e analisou as injustiças relacionadas à raça. Foi tão apaixonado por livros quanto por pessoas, as pessoas que conheceu no trabalho de campo, em suas aulas, na academia e na vida - quatro esferas que nunca se separaram na trajetória e na obra de Michael. Foi generoso como homem, como professor e como intelectual.

Michael foi nossa bússola, lembrando-nos por que a sociologia importa em nossos tempos e por que vale a pena dedicar tanto tempo e energia a praticá-la e ensiná-la: “A sociologia ajuda os alunos a entender como a sociedade é coletiva, o papel da raça, da classe social e do gênero. A sociologia é o estudo científico da desigualdade e da opressão que ela acarreta. A sociologia estuda as próprias exclusões promovidas pelas forças conservadoras. Mas estudamos as exclusões não para promovê-las, mas para reconhecê-las e divulgá-las, e para entender melhor como elas podem ser contestadas e revertidas.” (em Miami, 10 de março de 2024).

Michael nos deixou num momento em que mais precisávamos de sua liderança, sua energia, seu trabalho incansável para nos ajudar a compreender o mundo, seu exemplo como um professor extraordinário, sua fé na sociologia pública relevante, sua abertura a um diálogo verdadeiramente global, suas análises sociológicas profundas e rigorosas baseadas em meses de trabalho de campo etnográfico em fábricas, sua busca por justiça social e epistemológica, sua luta incansável pela paz e justiça na Palestina e em outras partes do mundo, e sua energia, comprometimento e entusiasmo únicos.

A liderança, o compromisso e a paixão de Michael deixaram uma marca profunda na ISA e na comunidade sociológica global. Como fundador da *Diálogo Global*, a revista on-line da ISA, que celebra neste ano seu 15º aniversário, ele buscou “promover o debate e a discussão internacional sobre questões contemporâneas sob uma perspectiva sociológica”. Como vice-presidente da ISA para Associa-

ções Nacionais (2006-2010) e, posteriormente, presidente da ISA (2010-2014), viajou pelo mundo para compartilhar seu entusiasmo pela relevância da sociologia crítica e pública em nosso tempo. Inspirou milhares de sociólogos com suas análises e convicções, e os comoveu com sua gentileza, generosidade e integridade.

Ele deixa uma comunidade global de sociólogos em luto repentino e diante de um enorme vazio. Após a primeira [homenagem online para celebrar sua vida e legado](#), realizada no sábado, 8 de fevereiro, outras homenagens foram organizadas durante a reunião do Comitê Executivo da ISA, em Joanesburgo, em março, e no Fórum de Sociologia da ISA, realizado de 6 a 11 de julho, em Rabat, Marrocos, além das iniciativas promovidas pelos Comitês de Pesquisa, Grupos de Trabalho e Grupos Temáticos da associação.

As contribuições de Michael Burawoy continuarão a moldar a maneira como os sociólogos compreendem e se engajam com o mundo. Convidamos você a revisitá-lo [Discurso presidencial no Congresso Mundial da ISA de 2014](#), em Yokohama, no qual ele apresentou sua visão sobre sociologia, diálogo global e justiça. O acesso [ao artigo deste](#) discurso e a outras de suas contribuições na [Current Sociology](#) será disponibilizado ao público.

Michael não nos legou apenas uma obra aclamada. Ele também dedicou sua energia à criação de espaços e ferramentas para unir sociólogos, sendo a ISA uma delas. Somente juntos poderemos honrar e desenvolver seu legado, guiados pela firme convicção de que a sociologia é fundamental nestes tempos desafiadores.

Contato com Geoffrey Pleyers: <Geoffrey.Pleyers@uclouvain.be>

> Michael Burawoy: sociologia como vocação

por **Nazanin Shahrokni**, Universidade Simon Fraser, Canadá

Michael Burawoy foi mais do que um sociólogo; ele foi um construtor da sociologia – não apenas por suas contribuições teóricas, mas pelas instituições que moldou, pelos relacionamentos que cultivou e pelas solidariedades globais que forjou. Ele transformou a disciplina em um campo reflexivo e voltado para a prática – um campo que questiona o poder, centraliza as margens e conecta a crítica com a imaginação, a teoria com a ação.

Nesse espírito, reflito sobre as contribuições de Michael e destaco seu impacto duradouro na disciplina, suas metodologias, pedagogias e articulações globais.

> Sociologia viva: prática incorporada, método reflexivo

A sociologia de Michael não era apenas uma orientação teórica; era uma prática vivida, fundamentada em movimento, luta e consciência histórica. Seu último livro, *Public Sociology: Between Utopia and Anti-Utopia* [Sociologia pública: entre utopia e anti-utopia], sintetizou décadas de reflexão sobre o duplo imperativo da sociologia: criticar as condições existentes e, ao mesmo tempo, cultivar a imaginação de futuros alternativos. Michael atribuiu significados precisos a esses impulsos contraditórios. A utopia, para ele, não era um projeto para uma sociedade perfeita, mas sim um imaginário dialógico e coletivo de alternativas, uma força necessária que mantém vivo o pensamento crítico. Sem utopia, advertiu, a sociologia se torna um espelho do desespero. A anti-utopia, em contraste, era o ceticismo desencantado, mas necessário, que tempera o otimismo ingênuo. A sociologia, para Michael, vivia na tensão entre esses polos – entre o desejo de transformação e o reconhecimento do que a impede. Nessa tensão – entre o que é e o que poderia ser – ele cultivou a sociologia como vocação.

No cerne do projeto de Michael estava uma crítica à própria disciplina; um esforço sustentado para refazer a sociologia de dentro para fora. Ele desafiou o eurocentrismo da sociologia, seus cânones fechados, sua reprodução de

privilegios. Embora estivesse no centro do prestígio acadêmico, trabalhou constantemente para se descentralizar – colocando Du Bois, o pensamento feminista e as epistemologias do Sul Global em primeiro plano. Ele habitou as margens por escolha própria – sempre alcançando o que estava para fora e para baixo: comunidades, locais de trabalho e as vidas daqueles que vivenciavam a precariedade.

Em seu [discurso presidencial na ASA de 2004](#), ele esboçou os quatro famosos tipos de sociologia: profissional, política, crítica e pública. Não se tratava de silos separados, mas de uma visão para uma prática integrada e dialética. A sociologia pública, para ele, não era a ala branda da disciplina, mas sim sua consciência. Ele tornou a sociologia responsável, insistindo que nos perguntamos: para quem produzimos conhecimento e com que finalidade? Seu apelo à sociologia pública foi um apelo à reconfiguração dos próprios fundamentos do que conta como conhecimento. Como ele costumava dizer, a sociologia pública não é uma extensão; é uma conversa que transforma todos os participantes.

Esse comprometimento estendeu-se à forma como Michael se engajou com os movimentos. Ele praticava o que teorizava. Transitava com facilidade entre salas de seminários e piquetes, entre reuniões da ISA e o chão de fábrica. Do ativismo sindical na África do Sul e na Zâmbia, ao movimento anti-apartheid, ao *Occupy Oakland*, à organização de estudantes de pós-graduação e à solidariedade com a Palestina, o trabalho de Michael diluiu a linha entre o acadêmico e o ativista.

Essa visão transformadora da sociologia era inseparável de seus compromissos metodológicos. Fundamental para o legado intelectual de Michael é o método do caso estendido: uma abordagem de pesquisa que não buscava generalizar para fora, no sentido dedutivo usual. Em vez disso, estendia-se das contradições observadas na vida cotidiana em direção à compreensão das estruturas sociais mais amplas que as moldam. Reflexividade, para Michael, não era confissão, era uma teoria do conhecimento.

>>

“A convicção de Michael era que a teoria deve ser construída a partir de baixo, em diálogo com as realidades vividas”

Esse compromisso metodológico encontrou expressão adicional em uma de suas contribuições mais duradouras: *Global Ethnography* [Etnografia global], um projeto colaborativo com nove de seus alunos de pós-graduação. O livro introduziu o conceito de globalização fundamentada: um método distinto para compreender processos globais não por meio de modelos abstratos ou macrofluxos, mas traçando como as forças globais são refratadas por meio de experiências específicas e localizadas. Juntas, essas abordagens – o método do caso estendido e a globalização fundamentada – refletiam a convicção de Michael de que a teoria deve ser construída a partir de baixo, em diálogo com as realidades vividas e sempre atenta às condições estruturais que tornam o conhecimento possível.

> Ensinar sociologia, praticar o diálogo

Para Michael, o ensino não estava subordinado à pesquisa: era a base de uma sociologia transformadora. Ele frequentemente rejeitava a noção de neutralidade da pedagogia. O ensino, assim como a pesquisa, situava-se dentro de estruturas de poder mais amplas, especialmente dentro da universidade neoliberal. Em *Laboring in the Extractive University* [Trabalhando na universidade extractivista], ele diagnosticou a universidade como um local de exploração, onde tanto alunos quanto instrutores são frequentemente alienados do processo de aprendizagem. No entanto, ele também via na sala de aula um potencial para a imaginação radical; um espaço para cultivar a investigação sociológica com crítica e cuidado.

Ele costumava dizer: “Nosso primeiro público são nossos alunos”. Aos seus olhos, cada aluno era uma história que valia a pena ouvir, um desafio que valia a pena explorar. Ele criou um espaço onde a aprendizagem era coletiva, onde as ideias eram debatidas com afinco, porém generosamente, e onde o conhecimento nunca era acumulado, mas compartilhado. Como seu aluno, percebi que o maior dom de Michael era construir uma comunidade onde pudéssemos reconhecer e cultivar a percepção e o potencial uns dos outros. Ele tratava nossas dificuldades pessoais não como distrações, mas como portas de entrada para a análise teórica.

Ele modelou uma ética de solidariedade em sala de aula, creditando regularmente os alunos em suas publicações, reconhecendo o trabalho dos assistentes de ensino e orientando-os como intelectuais, não como auxiliares.

Ele foi, sem dúvida, um dos professores mais amados de sua geração. Mas, mais importante, ele redefiniu o que

o ensino poderia ser e ministrou algumas de suas aulas mais memoráveis nas ruas: em encontros na Sproul Plaza, na Universidade da Califórnia, Berkeley, e em piquetes. Para ele, pedagogia e ensino eram inseparáveis do compromisso político e da luta coletiva.

Assim como muitos de nós, seus pupilos, Michael Burawoy não criou uma escola de pensamento. Ele criou uma comunidade de prática; uma comunidade definida não pelo discipulado, mas pela discordância. Ele não queria ser seguido. Queria ser discutido. Nem todos seguimos um paradigma teórico específico – nem mesmo o marxismo, que moldou tão profundamente sua própria obra. O que nos une não é a conformidade metodológica ou o alinhamento ideológico, mas uma orientação comum para o mundo: uma crença na urgência do pensamento sociológico e sua capacidade de iluminar – e remodelar – as condições de nossas vidas. Sua sociologia estava profundamente inserida, responsável pelos desafios políticos e éticos de sua época, e a nossa também.

O compromisso de Michael com a pedagogia como trabalho estava diretamente ligado ao seu compromisso com a sociologia global.

> Sociologia global: da solidariedade à estrutura

Para Michael, a ISA não era meramente uma plataforma administrativa, mas um laboratório para concretizar sua visão de sociologia global. Ele rejeitou a ideia de que simplesmente expandir a participação global – por meio de conferências, colaborações ou citações – fosse suficiente. Em vez disso, ele defendeu uma transformação mais profunda das estruturas epistêmicas da disciplina. Baseando-se em debates mais amplos sobre a noção de “provincialização da Europa” Michael argumentou que a sociologia deve confrontar seus preconceitos do Norte e redistribuir a autoridade intelectual. Internacionalização, para ele, não se tratava de inclusão em um modelo dominante, mas de cultivar uma sociologia dialógica e policêntrica, enraizada no reconhecimento mútuo e na vitalidade das tradições nacionais.

Michael defendeu uma mudança da integração vertical do conhecimento, onde a teoria é produzida no Norte Global e os dados são coletados no Sul Global, para uma estrutura horizontal de troca, onde contribuições teóricas e empíricas emergem de todas as partes do mundo. A sociologia global, para Michael, não era o estudo do global; era a globalização da sociologia como disciplina: conectando vozes, redistribuindo autoridade e possibilitando uma pro-

>>

dução de conhecimento mais justa e inclusiva. Sua visão da sociologia global não era extrativista. Em vez disso, ele enfatizava a reciprocidade. Poderíamos dizer que, para ele, globalizar a sociologia exigia globalizar as suas próprias condições de produção.

Sob sua liderança, a *Diálogo Global* foi lançada como uma revista multilíngue que circulava debates sociológicos através de fronteiras linguísticas e geopolíticas. Traduzida para 15 idiomas, a publicação incorpora sua insistência em uma sociologia multilíngue, multivocal e policêntrica. Ele sabia que a tradução não é meramente técnica, é política. Apoiou iniciativas para expandir o alcance regional da ISA, democratizar suas estruturas e apoiar acadêmicos em ambientes política ou economicamente precários.

Sua visita ao Irã em 2008, onde tive o privilégio de acompanhá-lo, capturou esse ethos. Ele se recusou a deixar que regimes de vistos, sanções ou repressão estatal – e fronteiras, sejam elas políticas, linguísticas ou disciplinares – determinassem com quem ele se relacionava. Quando a sociologia iraniana foi isolada por sanções internacionais e repressão interna, Michael insistiu: “Se eles não podem vir até nós, devemos ir até eles”. E ele o fez, determinado a garantir que os sociólogos iranianos permanecessem parte do debate global. Onde outros viam um Estado pária, ele via uma comunidade intelectual. Sua sede de ver, ouvir e aprender – e seu dom de fazer com que todos ao seu redor se sentissem vistos, ouvidos e validados – deixaram uma marca indelével entre seus colegas iranianos.

No Irã, o papel de Michael como um interlocutor empático coexistia com a atração implacável do etnógrafo consumado dentro dele. Em vez de se confinar aos enclaves confortáveis de Teerã, ele se aventurou além da experiência higienizada da capital, viajando de ônibus entre as cidades menores do Irã. “De que outra forma você se conectararia com as pessoas?”, ele nos desafiou. Rimos enquanto o lembrávamos: “Michael, você não fala uma palavra de farsi!”. No entanto, a língua não se mostrou uma barreira. Michael tinha uma capacidade extraordinária de habitar espaços, de absorver e refletir as texturas da vida local. Ele nunca foi um observador distante; ele era um participante do desenrolar das histórias daqueles ao seu redor. Seja conversando com um motorista de ônibus, pechinchando com um vendedor ou trocando ideias com professores universitários, ele rompia todas as barreiras com sua curiosidade genuína e aquele humor característico, forjando conexões que transcendiam as palavras. Ele nos ensinou que o encontro etnográfico não era sobre domínio da língua, mas sobre curiosidade e dignidade humanas.

Quando perguntado sobre qual mensagem ele tinha para os presidentes Ahmadinejad e Bush, Michael respondeu: “Torne obrigatório que os presidentes façam o curso básico de Sociologia”. No clima atual, onde os

líderes políticos cada vez mais tiram o financiamento e deslegitimatam as ciências sociais, sua piada parece menos uma piada e mais uma crítica presciente do distanciamento entre poder e conhecimento crítico.

Após a visita de Michael, a Associação Sociológica Iraniana criou uma seção dedicada à Sociologia Pública, hoje um de seus ramos mais vibrantes e ativos. Tive o privilégio de traduzir seu apelo à sociologia pública e ajudar a introduzir o conceito à comunidade acadêmica de língua farsi. Seu trabalho repercutiu profundamente: inúmeros livros e simpósios sobre sociologia pública foram organizados desde então, e textos importantes, incluindo ensaios e entrevistas de Michael, foram traduzidos; sociólogos iranianos abraçaram sua visão de pesquisa engajada e crítica; e, após seu falecimento, a Associação realizou um evento comemorativo especial em sua homenagem. Jornais nacionais noticiaram seu legado, ressaltando o impacto duradouro de sua visita e de suas ideias no cenário sociológico iraniano.

Para Michael, a sociologia global era uma prática – de ouvir além das fronteiras, de traduzir através das diferenças e de insistir que o conhecimento nunca é verdadeiramente global a menos que seja compartilhado, disputado e falado em muitas línguas.

> Levando o projeto adiante

No cenário atual de desigualdade crescente, autoritarismo crescente, colapso climático e deslocamentos globais, a insistência de Michael em uma sociologia pública, crítica e esperançosa é mais urgente do que nunca. Ele nos ensinou que a sociologia deve responder às condições de seu tempo e que prospera em momentos de crise; não apesar delas, mas por causa delas.

Levar adiante seu legado significa sustentar os valores que ele exemplificou:

- investigação crítica enraizada no diálogo e na humildade;
- ensino como um espaço de transformação mútua;
- pesquisa que envolva públicos de todas as esferas;
- recusa em separar análise de responsabilidade.

E talvez esse seja o legado que ele nos deixa na ISA: não apenas um conjunto de conceitos ou tipologias, mas uma maneira de fazer sociologia que é ao mesmo tempo crítica, dialógica e profundamente comprometida com o mundo que busca entender.

Contato com Nazanin Shahrokni: <nazanin_shahrokni@sfsu.ca>

> Michael Burawoy: entre o marxismo resiliente e a sociologia pública

por **Ruy Braga**, Universidade de São Paulo, Brasil

Na noite de 3 de fevereiro de 2025, Michael Burawoy foi fatalmente atropelado por um veículo perto de sua casa em Oakland, Califórnia. O motorista fugiu, mas foi preso posteriormente. A morte de Michael marcou a perda do mais importante sociólogo marxista contemporâneo, cuja obra repositionou o marxismo dentro da universidade após o colapso do socialismo burocrático de Estado, mantendo ao mesmo tempo um vínculo orgânico entre a teoria e as lutas pela emancipação humana.

Michael aposentou-se em 2023 do Departamento de Sociologia da Universidade da Califórnia, Berkeley, após 47 anos de serviço dedicado a alunos, colegas e orientandos. Desde a década de 1970, com a publicação de seu clássico *Manufacturing Consent: Changes in the Labor Process under Monopoly Capitalism* [Fabricando o consentimento: mudanças no processo de trabalho sob o capitalismo monopolista] – uma obra que revolucionou os estudos do trabalho –, ele se posicionou como um pilar do marxismo crítico, alicerçado no rigor empírico e no diálogo aberto com diferentes tradições teóricas.

Ao longo de sua vida, Michael foi um professor lendário, capaz de cativar salas de aula lotadas com carisma e humor, ao mesmo tempo em que dava atenção personalizada a cada aluno. Em sala de aula, ele costumava memorizar vários nomes em cada sessão, anotando-os discretamente no quadro; ao final do semestre, ele conseguia se lembrar de quase todos os alunos. Como orientador, inúmeros relatos atestam seu cuidado, engajamento e apoio fraterno às pesquisas dos alunos. Ao longo de quatro décadas, ele orientou 84 dissertações, frequentemente integrando os projetos de seus orientandos em ambiciosas comparações globais que produziram trabalhos coletivos muito influentes no campo da sociologia. Seus seminários de pós-graduação eram tão requisitados quanto seus cursos de graduação. A dedicação de Michael refletia o profundo senso de solidariedade que inspirou sua pesquisa e moldou seu método.

> Uma jornada inovadora e inspiradora

Na história da sociologia, Michael é a principal referência para o “método do caso estendido”, derivado da Escola de

Antropologia de Manchester e formalizado em seu *Marxismo sociológico*. Mais do que uma ferramenta analítica, trata-se de uma abordagem rigorosa à investigação empírica, excepcionalmente eficaz na conexão de microexperiências a macroprocessos de reprodução e de transformação social. O método aplica a ciência reflexiva à etnografia: extraíndo o geral do particular, movendo-se do micro para o macro e conectando o presente ao passado em antecipação ao futuro. Por meio dele, Michael demonstrou como as experiências dos trabalhadores no local de trabalho refletem estruturas sociais mais amplas. Na condição de observador participante, ele enfatizou a fundamentação moral da sociologia marxista: a história humana é socialmente construída e, portanto, pode ser socialmente reconstruída – idealmente, de maneiras mais justas.

De fato, valores como solidariedade, justiça, igualdade e liberdade estavam, para Michael, inextricavelmente ligados à prática científica. Em vez de negá-los, ele entendia que os sociólogos deveriam abraçar reflexivamente seu potencial heurístico. Seus fundamentos empíricos e epistemológicos surgiram de locais incomuns para um acadêmico: uma mina de cobre na Zâmbia, uma fábrica de motores em Chicago, uma siderúrgica húngara e uma fábrica de móveis russa. Trabalhando em quatro países como operador de máquinas, operário de furnalha e encarregado de pessoal, ele refinou sua lente analítica a partir do chão de fábrica, examinando quatro grandes transformações históricas: a descolonização africana, a hegemonia fordista, o colapso do socialismo burocrático e a ascensão do neoliberalismo. Sua síntese teórica combinou o marxismo heterodoxo – com base em Gramsci, Luxemburgo, Trotsky, Fanon e, posteriormente, Du Bois – com a tradição sociológica radical de C. Wright Mills, Alvin Gouldner e Karl Polanyi.

No início da década de 1990, juntamente com seu amigo próximo Erik Olin Wright, Michael lançou um ambicioso projeto para reconstruir o “Marxismo sociológico”, definido como a teoria da reprodução contraditória das relações sociais capitalistas. O objetivo era resgatar o potencial emancipatório do marxismo, enfraquecido após a queda do socialismo de Estado. Göran Therborn descreveu esse projeto como “o mais ambicioso projeto de marxismo resistente” do início do século XXI. Ele se

>>

“A história humana é socialmente construída e, portanto, pode ser socialmente reconstruída — idealmente de maneiras mais justas”

desdobrou em duas direções complementares: o projeto das “utopias reais” de Erik e a “sociologia pública” de Michael. Ambos incentivaram a comunidade sociológica a se engajar criticamente com públicos diversos, dentro e fora da academia, como parte de um movimento mais amplo por transformação social. Cada um deles se tornou presidente da Associação Americana de Sociologia (ASA), e Michael, mais tarde, atuou como presidente da Associação Internacional de Sociologia (ISA), após uma vigorosa campanha em que visitou 44 países promovendo sua visão de sociologia pública.

> Sociologia pública

A sociologia pública, como Michael a concebeu, é uma sociologia reflexiva e crítica, voltada para públicos extra-acadêmicos e comprometida com valores emancipatórios, incluindo justiça, liberdade, igualdade, democracia e solidariedade. Michael frequentemente gracejava que, se a ciência política estuda o Estado e a economia estuda o mercado, a sociologia estuda a sociedade civil, suas contradições e desafios históricos. Não é de surpreender que a sociologia pública tenha repercutido em movimentos sociais progressistas que resistiam à mercantilização do trabalho, da natureza, do dinheiro e do conhecimento em todo o mundo, particularmente após a crise financeira global de 2008. Ao mesmo tempo, ele enfatizou a necessidade de estudar movimentos regressivos, incluindo o nacionalismo autoritário que se disseminou durante a década de 2010 e alimenta a extrema direita global nos dias atuais. A sociologia pública, argumentou ele, é essencial para expor as estruturas e os processos subjacentes a esses “sintomas mórbidos” (Gramsci) da autocratização contemporânea, assim como para apoiar estrategicamente a renovação democrática.

Após concluir sua presidência da ISA em 2014, Michael retornou a Berkeley e tornou-se chefe da associação de professores, defendendo assistentes de ensino temporários que trabalhavam em condições precárias nas universidades públicas da Califórnia. Seu apoio ativo à greve dos assistentes de ensino de 2023 reafirmou seu compromisso de longa data com a justiça social. Na realidade, ao longo de sua vida, seu ativismo foi vasto e consistente: apoiando a independência da Zâmbia, opondo-se ao apartheid sul-africano, defendendo lutas feministas contra o assédio sexual em universidades, participando de mobilizações contra a guerra na Ucrânia e denunciando o genocídio de palestinos em Gaza – tema

de [seu artigo, publicado postumamente](#). Na história da sociologia global, ninguém combinou trabalho de campo em tantos países com engajamento político tão profundo nas causas fundamentais da humanidade. Michael deve ser lembrado como um marxista impenitente, um professor solidário e um intelectual público que transformou a sociologia em uma ferramenta de emancipação.

> Burawoy no Brasil

Michael estabeleceu seus primeiros laços diretos com a comunidade sociológica brasileira em 2007, participando do Congresso Latino-Americano de Sociologia (ALAS), realizado em Recife. Na ocasião, também proferiu palestras em importantes universidades, incluindo São Paulo, Campinas, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Ele ocupava, então, o cargo de vice-presidente da ISA e promovia ativamente a “sociologia pública”, proposta que havia formulado alguns anos antes e amplamente debatida desde sua eleição como presidente da ASA.

A partir desse primeiro contato, Michael passou a visitar o Brasil regularmente, sendo convidado a participar de seminários, congressos e eventos acadêmicos. Sua presença na Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) tornou-se referência, tornando-o um dos sociólogos internacionais mais reconhecidos do país. Por meio desses contatos, Michael desenvolveu uma relação única com a sociologia brasileira, marcada pela receptividade às suas ideias e pelo diálogo direto com acadêmicos e instituições.

Esse reconhecimento não foi apenas simbólico. Levantamentos bibliométricos utilizando dados do SciELO de 2010 a 2024 colocam Michael entre os quinze sociólogos internacionais mais citados em periódicos brasileiros, destacando tanto a relevância de seu trabalho quanto a capacidade de sua sociologia pública de se engajar com tradições brasileiras críticas, consolidando uma sociologia engajada e globalmente conectada.

Substancialmente, a presença de Michael no Brasil teve um impacto decisivo nos projetos de pesquisa desenvolvidos pelo Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania (Cenedic) da Universidade de São Paulo, que o acolheu em diversas ocasiões – a mais recente em 2023 – e com o qual manteve colaborações frutíferas em diversas frentes. Sua influência também moldou minha própria

>>

trajetória intelectual, orientando por meio do “método de caso ampliado” minha agenda investigativa a respeito da formação do precariado global a partir dos anos 2000a.

O diálogo com Michael fortaleceu significativamente a perspectiva da sociologia pública dentro do Cenedic, projeto cuja figura mais destacada foi Chico de Oliveira. Não é por acaso que Chico escreveu o prefácio do livro que coeditei com Michael, *Por uma sociologia pública*, simbolizando a convergência de distintas tradições críticas – a reflexão marxista latino-americana e uma sociologia pública internacional – em um horizonte intelectual e político compartilhado.

Em sua última visita a São Paulo, em 2023, Michael participou do lançamento do meu livro *A angústia do precariado: trabalho e solidariedade no capitalismo racial*, dedicado à análise das transformações da classe trabalhadora nos Estados Unidos. O livro dialoga com W.E.B. Du Bois, o sociólogo negro americano que se tornara a mais recente “obsessão” intelectual de Michael e sobre quem ele preparava um livro na época de sua morte. O engajamento de Michael com Du Bois renovou uma das agendas centrais de sua sociologia pública: a reconstrução crítica do cânone sociológico por meio da incorporação de tradições intelectuais historicamente marginalizadas.

Esse legado floresceu no Brasil. Iniciativas recentes, como as do grupo AfroCebrap, promovem a disseminação da obra de Du Bois em português, incorporando seu pensamento às ciências sociais brasileiras e expandindo

os arcabouços interpretativos ao destacar a questão racial e a relação histórica global entre capitalismo e racismo. A convergência entre as propostas de Michael e Du Bois fortalece a sociologia pública articulada globalmente, ao mesmo tempo em que oferece ao Brasil um arcabouço interpretativo para aprofundar a crítica ao capitalismo racial, vinculando-a à teoria internacional e à experiência histórica nacional.

> Último encontro

A última vez que encontrei Michael pessoalmente foi em Joanesburgo, em outubro de 2024. Deixei-o em frente ao apartamento dos nossos queridos amigos Michelle Williams e Vish Satgar, depois de um daqueles jantares memoráveis que ele sempre insistia em pagar. Eu morava na África do Sul porque, mais de uma década antes, Michael me mostrara a importância ímpar da sociologia produzida naquele país – e, por isso, sou profundamente grato.

Naquele dia, nos despedimos enquanto discutíamos os detalhes de sua participação no Congresso Brasileiro de Sociologia, em julho de 2025. Ele pretendia falar sobre o genocídio em curso do povo palestino e expressou preocupação com o clima político na universidade para abordar um tema tão sensível. Disse-lhe para não se preocupar e assegurei-lhe que seria muito bem recebido por um público ávido por ouvi-lo e reconhecê-lo pelo que ele realmente foi: o maior sociólogo marxista de sua geração. ■

Contato com Ruy Braga: <ruy.braga@usp.br>

> Burawoy e a arte da sociologia pública global: diálogos com a Rússia

por **Pavel Krotov**, Fundação Pitirim A. Sorokin, Boston, EUA; **Tatyana Lytkina**, Centro de Ciências Komi, Rússia; e **Svetlana Yaroshenko**, Associação de Sociólogos de São Petersburgo, Rússia



Michael Burawoy em trabalho de campo, em Komi, 2002. Foto de Tatyana Lytkina.

Michael Burawoy, renomado teórico social e defensor da sociologia pública, faleceu aos 77 anos. Ao longo de sua vida, ele se dedicou à sociologia – revelando limites sociais ocultos, abordando diversas formas de desigualdade e promovendo conexões entre comunidades, inclusive dentro da própria disciplina.

Michael foi, e continuará sendo, uma figura multifacetada na sociologia – um amigo, mentor e colega para nós. Suas contribuições acadêmicas e seu legado permanecerão, especialmente para aqueles que examinam a trajetória do capitalismo neoliberal e a vulnerabilidade da sociedade civil às pressões do mercado e do Estado. Nesta breve

homenagem, refletimos sobre um aspecto singular de sua notável carreira: suas conexões com a Rússia e nossos esforços colaborativos para compreender a dinâmica do capitalismo, as experiências vividas pelo povo russo e o potencial da sociologia pública para efetuar mudanças sociais.

> O início do movimento trabalhista sob o socialismo de estado

Em 1986, no início da perestroika, Michael, acompanhado por Erik Olin Wright, viajou para Moscou para se reunir com sociólogos soviéticos do Instituto de Sociologia da Academia de Ciências em um estudo comparativo da consciência de classe na URSS e nos Estados Unidos.

>>



Michael Burawoy em um debate público na Universidade Europeia em São Petersburgo, 2015.
Foto de Tatyana Lytkina.

Durante dez dias de discussões “frustrantes, mas reveladoras”, divisões ideológicas e interpretativas significativas tornaram-se aparentes – particularmente no que diz respeito às categorias marxistas e à hesitação dos acadêmicos soviéticos em analisar abertamente as contradições inerentes ao socialismo real.

Posteriormente, cada acadêmico seguiu caminhos distintos. Wright não retornou à Rússia. Em contraste, Burawoy se esforçou para iniciar um estudo etnográfico abrangente da indústria soviética, semelhante à sua pesquisa na Hungria. Ele percebeu o socialismo soviético não como um desvio trágico do ideal socialista, mas como uma de suas manifestações – o socialismo de Estado – merecedora de análise crítica e empírica. Ele levantou questões sobre a organização do trabalho, a consciência dos trabalhadores e o paradoxo de que os movimentos trabalhistas emergiram com mais vigor em regimes socialistas de Estado do que em sociedades capitalistas avançadas.

> A transição para o capitalismo de mercado

Em 1991, Burawoy iniciou a observação participante em uma fábrica de móveis em Komi, examinando uma hipótese inicialmente proposta em seu livro *Manufacturing Consent* [Fabricando o consentimento] (1979) e posteriormente elaborada em *The Radiant Past* [O passado radiante] (1992, com Janos Lukács). Ele diferenciou controle sobre o processo de trabalho (relações de produção) e controle dentro do processo de trabalho (relações na produção). Sob as condições soviéticas, os trabalhadores exerciam este último devido à escassez sistêmica, pois os gerentes abriam mão do controle operacional para garantir a continuidade da produção. Essa [autonomia paradoxal](#) exemplificava tanto a flexibilidade quanto a resiliência do sistema de comando administrativo.

Inicialmente com o objetivo de comparar a mão de obra soviética e húngara sob o socialismo tardio, os resultados de campo revelaram uma economia de comando em desintegração, cada vez mais suplantada pela troca baseada em escambo, resultando em desordem em vez de auto-organização. A fábrica tornou-se um espaço de fragmentação anárquica, fomentando a ascensão do capitalismo comercial e uma classe oligárquica emergente.

De 1992 a 1994, a pesquisa estendeu-se à bacia carbonífera de Vorkuta, onde greves e reformas mineiras estavam em conflito. Uma análise sociológica de todas as doze minas, realizada em colaboração com um projeto do Banco Mundial, destacou os efeitos nocivos da terapia de choque. Os trabalhadores, desiludidos com a liberalização do mercado, abandonaram gradualmente a resistência coletiva – “[curvando-se diante do anjo da história](#)”.

> Pressões de mercado, mudanças de gênero e involução econômica

Com o colapso das empresas industriais, os atrasos salariais se generalizaram e, às vezes, a compensação era oferecida na forma de alimentos superfaturados. A atividade econômica passou a se concentrar no mercado doméstico.

A partir de 1994, Burawoy e Lytkina investigaram as estratégias de sobrevivência dos trabalhadores por meio de entrevistas domiciliares, desenvolvendo uma teoria da transição pós-socialista, inspirada em “A grande transformação”, de Karl Polanyi. Burawoy ecoou a visão de Polanyi: *os mercados não podem gerar sociedade sem destruição ou resistência*.

Na Rússia pós-soviética, essa resistência emergiu com o aumento do trabalho doméstico, renascimento das economias informais e mercantilização do trabalho, do dinheiro,

>>

da natureza e do cuidado – cada um inserido em relações sociais culturalmente significativas. Entrevistas revelaram uma nítida divisão de gênero. Por um lado, as mulheres tornaram-se chefes de família de fato, compensando a perda de status e emprego dos homens. Por outro, as redes de apoio baseadas no parentesco das mulheres frequentemente substituíam o Estado decadente. O espírito empreendedor das mulheres da classe trabalhadora, tanto dentro quanto fora do lar, incluindo aquelas envolvidas em pequenos negócios no comércio ou na prestação de serviços, impediu que elas e suas famílias escapassesem do ciclo de privação.

Juntamente com Burawoy, Krotov e Lytkina chamaram isso de “involução” – uma adaptação regressiva que preservou a sobrevivência ao custo da reconstrução social.

> A pressão estatal neoliberal e a lógica da exclusão

O Projeto Involução foi sediado no Instituto de Problemas Socioeconômicos e Energéticos do Norte (ISEEP), no Centro de Ciências Komi. O trabalho de campo de Burawoy e sua abertura ao diálogo colaborativo transformaram desafios empíricos em investigações conceituais.

Uma nova iniciativa surgiu: analisar o sistema seletivo de bem-estar social da Rússia após 1996. Juntos, examinamos como moradores rurais e urbanos ganharam ou perderam o status de “oficialmente pobres” e como a própria pobreza foi moldada pelas políticas.

Apesar de suas raízes marxistas, Burawoy abraçou o pluralismo teórico e concordou com a perspectiva de aplicar as teorias de William Julius Wilson sobre pobreza urbana ao contexto russo, demonstrando como a fundamentação empírica pode rejuvenescer categorias teóricas.

À medida que os direitos trabalhistas se deterioravam e as greves legais se tornavam quase impossíveis, o Estado abandonou a regulamentação do mercado de trabalho. Simultaneamente, as definições de pobreza se estreitaram. Além disso, à medida que o número e a composição da população em situação de pobreza aumentavam, o Estado alterou as regras para o registro “daqueles que precisam de apoio”. Disciplinou pessoas de baixa renda, ampliando os círculos daqueles excluídos do direito à proteção social. O distanciamento burocrático – imposto pelo Estado, por especialistas em políticas públicas e pelos sindicatos – deixou a sociedade isolada em uma “luta primitiva por sobrevivência”, onde a negação da pobreza se tornou uma estratégia de sobrevivência e a identidade de classe se dissolveu.

> A mercantilização do conhecimento e a resistência da sociologia pública

Mais tarde, Burawoy voltou sua atenção para a universidade, onde o conhecimento e o trabalho acadêmico estavam sendo cada vez mais mercantilizados sob regimes neoliberais.

Em 2007, a convite de Svetlana Yaroshenko, ele ministrou palestras em São Petersburgo sobre o tema da sociologia pública. Ele retornou em 2015 para apresentar “A sociologia como vocação” e participar de uma mesa-redonda sobre o futuro da sociologia russa.

Burawoy enfatizou a missão da sociologia de unificar em vez de dividir, funcionando como uma disciplina tanto científica quanto moral e política. Ele defendeu o retorno do conhecimento sociológico enriquecido aos públicos marginalizados. Embora ciente das restrições estruturais enfrentadas pela sociologia pública russa, seu otimismo e experiência na superação de barreiras fundamentaram sua crença de que a sociologia profissional e a sociologia pública poderiam coexistir e prosperar.

Em 2015, em meio às crescentes pressões acadêmicas, ele instou os sociólogos a resistirem à busca acrítica por métricas de desempenho acadêmico, a historicizarem suas próprias lutas, a reconhecerem o pessoal como social e a desenvolverem teorias empiricamente fundamentadas e localmente relevantes – sejam elas emprestadas ou moldadas pelo contexto russo.

Ele defendia a solidariedade entre os sociólogos e o envolvimento ativo com uma sociedade civil auto-organizada, enfatizando o poder transformador da investigação coletiva e sua relevância pública.

> Michael como uma encarnação viva

Michael Burawoy integrou brilhantemente sua paixão pela sociologia com uma consciência aguçada das desigualdades geradas pelo capitalismo global. Sua pesquisa transnacional – incluindo a Rússia – demonstrou que os sociólogos são uma classe intelectual potencialmente “perigosa”: alinhados com a sociedade civil, atentos aos mecanismos de desigualdade e capazes de transformar o sofrimento individual em ação coletiva.

Acima de tudo, lembramo-nos da sua atenção, abertura, generosidade e sabedoria. Ele ouvia com respeito genuíno, superando divisões, desmantelando hierarquias e promovendo a igualdade nas interações diárias. Suas percepções sobre estrutura e autonomia foram forjadas por meio de um envolvimento profundo e empático com a vida dos trabalhadores.

Para nós, Michael Burawoy não era apenas um teórico da sociologia pública – ele era a sua personificação viva. ■

Contato com:

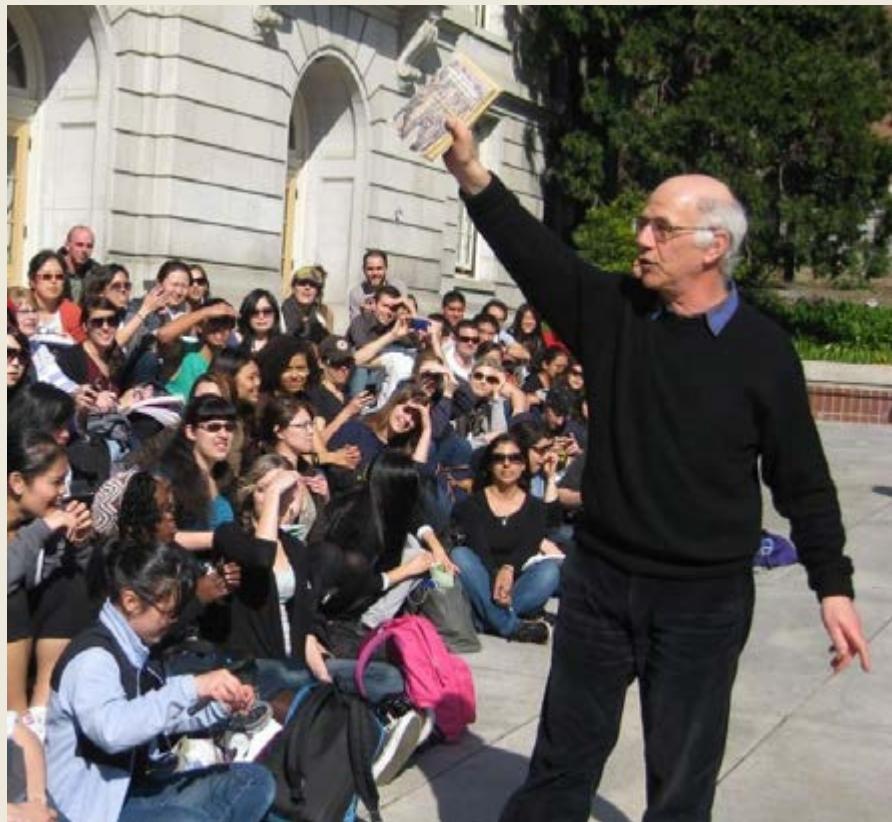
Pavel Krotov: <pasha.boston1307@gmail.com>

Tatyana Lytkina: <tlytkina@yandex.ru>

Svetlana Yaroshenko: <svetayaroshenko@gmail.com>

> Michael Burawoy: sociologia pública e otimismo da vontade

por Fareen Parvez, Universidade de Massachusetts Amherst, EUA



Michael Burawoy dando uma palestra do lado de fora do Wheeler Hall na UC Berkeley. Foto de Ana Villareal.

Michael Burawoy foi meu orientador de doutorado e esteve presente em minha vida desde 2001. Tive o privilégio de compartilhar um diálogo rico e maravilhoso com ele por 24 anos. Meu último e-mail para Michael foi enviado poucas horas antes de eu saber de seu falecimento, compartilhando com ele minhas ideias para um evento de discussão sobre a Palestina, que ele gentilmente incentivou. Minutos depois de ministrar uma aula sobre seu brilhante ensaio de 2000, *Marxism after Communism* [O marxismo depois do comunismo], recebi uma mensagem de voz e, em seguida, li o e-mail devastador.

É ao mesmo tempo doloroso e reconfortante ajudar a honrar seu legado. Superar as divisões nacionais foi algo muito importante para Michael desde o início, e depois, ao longo dos últimos quinze anos, através de seu trabalho com a Associação Internacional de Sociologia e de suas extensas viagens para encontrar sociólogos em todas as partes do mundo.

Michael orientou cerca de 80 alunos de pós-graduação em suas dissertações. Muitos o procuravam por seus interesses em questões trabalhistas ou na antiga União Soviética e na transição pós-comunista. E muitos outros por seu apoio à etnografia, ao trabalho comparativo global ou à sua abordagem marxista da sociologia e do mundo. Eu me encaixo nessa última categoria, o que também significa que, na época, não me aprofundei muito no trabalho empírico de Michael. Mas agora estou no processo de descobri-lo e absorver o máximo possível. Cada vez que releio os escritos de Michael, fico impressionada com a poesia que está presente em sua escrita. A paixão que ele comunicava na vida real está muito viva em suas páginas.

> O etnógrafo, sociólogo e marxista moralmente responsável

Como etnógrafo, Michael trabalhou como operador de máquinas, como operador de furadeira radial (nem sei bem o que é isso!), em uma fábrica de borracha, em uma

>>

fábrica de champanhe e em uma fábrica de móveis no artigo russo (que, brinquei com ele, eu gostaria de visitar). Os primeiros trabalhos de Michael abordavam raça e classe nas minas de cobre da Zâmbia. Ele escreveu sobre as bases do consentimento dos trabalhadores à sua própria exploração na fábrica americana, os processos de produção e as diferentes intervenções estatais e regimes ideológicos que os sustentam. Ele também abordou o socialismo real na Hungria e a transição soviética para o capitalismo. Manteve um diálogo constante com Polanyi e a natureza mutável dos contramovimentos; e um envolvimento elaborado e de longa duração com Bourdieu e, mais recentemente, com a sociologia de Du Bois e o projeto mais amplo de descolonização do cânone. Ele escreveu bastante sobre etnografia, incluindo meu livro favorito, *The Extended Case Method* [O método do caso ampliado], e, é claro, sobre a reconstrução do marxismo. Michael também escreveu críticas à neoliberalização da universidade, ao capitalismo racial na África do Sul e, finalmente, entre seus últimos projetos, estava seu compromisso com a Palestina; compreendendo-a como um caso de colonialismo de assentamento, elaborando uma análise comparativa com o apartheid na África do Sul e, acima de tudo, mobilizando e lembrando os sociólogos americanos de nossa responsabilidade moral de nos manifestarmos para reduzir o sofrimento dos palestinos.

> O trabalho de Michael como poeta

Quero compartilhar apenas algumas passagens curtas e favoritas da poesia presente em seus escritos:

“O que é ciência positiva? Para Auguste Comte, a sociologia deveria substituir a metafísica e descobrir as leis empíricas da sociedade. Foi a última disciplina a entrar no reino da ciência, mas, uma vez admitida, governaria sobre o que era indisciplinado, produzindo ordem e progresso a partir do caos. Assim, o positivismo é, ao mesmo tempo, ciência e ideologia.” (*The Extended Case Method* [O método do caso ampliado], p. 31).

“Na perspectiva da ciência reflexiva, a intervenção não é apenas uma parte inevitável da pesquisa social, mas uma virtude a ser explorada. É por meio da interação mútua que descobrimos as propriedades da ordem social. As intervenções criam perturbações que não são ruído a ser eliminado, mas sim música a ser apreciada, transmitindo os segredos ocultos do mundo dos participantes.” (*The Extended Case Method* [O método do caso ampliado], p. 40).

“Não há algo de especial que justifique o nosso apoio à causa palestina? [...] Talvez, o massacre contínuo de palestinos seja a atrocidade mais flagrante e bárbara de todas. Ele acontece ao vivo em nossas telas; está diante de nossos olhos; é inescapável. O apoio incondicional das potências ocidentais a Israel confere-lhe uma importância histórica mundial. Para um sociólogo, não basta declarar

de que lado se está e seguir em frente; como sociólogos, inserimos nossos compromissos políticos em um quadro teórico. Em um período de ‘pós-colonialismo’, a representação sistemática e transparente dos palestinos pelo Estado israelense torna essa situação única, compelindo-nos a reexaminar nosso próprio passado, dando [nova relevância ao ‘colonialismo de assentamento’, como os escombros de impérios em decadência](#)”.

Estas foram apenas três das inúmeras passagens que são igualmente belas.

> A influência pessoal e a agenda da sociologia pública

Agora vou compartilhar um pouco sobre a influência de Michael em mim e no meu trabalho. E depois direi algumas coisas sobre sociologia pública.

Quando Michael se aposentou em 2023, escrevi algumas reflexões, assim como outros alunos dele. Compartilho aqui um pequeno trecho. Comecei a pós-graduação em setembro de 2001. Duas semanas depois, o Congresso votou a favor da invasão do Afeganistão, e o mundo nunca mais seria o mesmo. Lembro-me das aulas de sociologia introdutória do Michael naquelas primeiras semanas, onde ele criticou corajosamente a guerra iminente e, de forma brilhante, fez com que uma sala de aula lotada de alunos pensasse criticamente sobre o 11 de setembro e suas consequências (num momento em que o nacionalismo americano estava em seu auge). Naquele momento, soube que estava no lugar certo.

Em poucos anos, Michael estava definindo a agenda da sociologia pública, e o entusiasmo e a energia em torno disso eram palpáveis e moldaram meus anos seguintes. Como Michael escreveu em *For Public Sociology* [Para a sociologia pública] (2005): “Muitos dos 50% a 70% dos estudantes de pós-graduação que conseguem obter seu doutorado mantêm seu compromisso original praticando a sociologia pública paralelamente – muitas vezes escondidos de seus orientadores.” Hoje, embora eu não tenha um orientador propriamente dito, é de fato a sociologia pública praticada paralelamente que me sustenta.

A influência de Michael no meu pensamento hoje é sutil, mas profunda e inabalável. Meu trabalho sobre religião e loucura no Marrocos reflete o que aprendi com ele sobre o trabalho psicanalítico de Fanon na Argélia e as raízes sociológicas do trauma. Minha pesquisa sobre endividamento familiar na Índia me remete ao meu primeiro amor pelo marxismo, que ele cultivou em mim. De fato, o marxismo de Michael era o meu refúgio.

Senti-me atraída por Michael não apenas por causa de seu carisma intelectual e pessoal, mas também porque eu via alienação e questões de classe em tudo o que es-

tava estudando, seja na forma como as pessoas pensavam sobre a indústria da pornografia (minha dissertação de mestrado, da qual Michael participou da banca) ou nos tipos de mobilização política entre minorias muçulmanas (minha tese de doutorado, que ele orientou, e que se tornou um livro).

> O professor de pensamento analítico cujo objetivo sempre foi mudar o mundo

Michael me incentivou, em minha pesquisa etnográfica, a evitar os centros hegemônicos de poder e o cosmopolitismo global e a me concentrar, em vez disso, em cidades mais periféricas em meus locais de pesquisa na França e na Índia. Assim, acabei estudando Lyon, no sudeste da França, e Hyderabad, no sul da Índia. E sou muito grata por isso, por ter vivido e aprendido nas margens. Através de Michael, aprendi a pensar analiticamente, e quando me vejo com dificuldades para formular um argumento, recorro à tabela 2x2 que ele tanto apreciava e encontro a clareza e a precisão que, de outra forma, seriam tão difíceis de alcançar.

Michael, é claro, moldou minha compreensão da etnografia. Ao lidar com questões éticas profundas e relações de poder no trabalho de campo, estudando comunidades muçulmanas subalternas, eu sabia que Michael estava comigo em espírito. E eu o citei no apêndice metodológico do meu livro.

Mais uma vez, do *Extended Case Method* [Método do estudo de caso ampliado]: “De qualquer lado que estejamos, gerentes ou trabalhadores, brancos ou negros, homens ou mulheres, estamos automaticamente implicados em uma relação de dominação. Como *observadores*, por mais que gostemos de nos enganar, estamos do ‘nossa próprio lado’... (Goldner 1968). Nossa missão pode ser nobre – ampliar os movimentos sociais, promover a justiça social, desafiar os horizontes da vida cotidiana – mas não há como escapar da divergência elementar entre os intelectuais, por mais orgânicos que sejam, e os interesses de seu público declarado.”

Michael vivia e respirava a Tese 11: “Os filósofos até agora apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; a questão é *transformá-lo*.”

Acho que todos os seus alunos concordariam que ele acreditava, acima de tudo, em mudar o mundo e na revolução, mais do que na teoria pela teoria ou no conhecimento pelo conhecimento. Isso me motiva em tudo o que faço; na verdade, isso me assombra. Mas ocupa um lugar peculiar na sociologia americana. Lembro-me de anos atrás, quando recebi uma avaliação muito negativa de um aluno da minha turma. Ele escreveu: “A aula da Professora Parvez é inútil – a menos que você queira ser um revolucionário comunista”. Eu não sabia se devia me sentir insultada ou

se devia encarar isso como um motivo de orgulho. Gostaria de pensar que Michael teria rido e se sentido orgulhoso. Como Zach Levenson escreveu em um ensaio em sua homenagem: “Michael não suportava o empirismo, mas era igualmente avesso ao teoricismo. A tarefa do marxismo sociológico, ele pensava, era navegar cuidadosamente entre essas duas armadilhas”.

Outra característica exemplar de Michael, que espero que tenha me influenciado, foi sua disposição para mudar à medida que o mundo mudava. Mais uma vez, isso estava em consonância com sua compreensão do marxismo. Embora tenha lecionado sua disciplina de teoria social de uma maneira muito particular por décadas, ele passou a abraçar as ideias de Du Bois e iniciou uma conversa completamente nova, começando a modificar o conteúdo de seu curso de teoria. Antes de Du Bois, ele teve um longo contato com a obra de Bourdieu. (Lembro-me dele se matriculando como aluno no seminário de pós-graduação de Loic Wacquant sobre Bourdieu e reclamando da quantidade de lição de casa!) Tive a sorte de fazer parte daquela turma de alunos que debatiam e discutiam os limites e as potencialidades da perspectiva bourdieusiana. Michael tinha uma profunda necessidade de compreender e esclarecer suas próprias lentes teóricas, e foi emocionante compartilhar um pouco desse dinamismo.

> Otimismo da vontade e seguir em frente

Michael escreveu em 2011: “Antonio Gramsci é famoso por estar associado à frase ‘pessimismo da inteligência, otimismo da vontade’. O pessimismo da inteligência refere-se à determinação estrutural dos processos sociais, que impõe limites ao que é possível. A política, por outro lado, exige otimismo, pois lida com a formação da vontade coletiva, dissolvendo limites e buscando o impossível. ...O otimismo da vontade exige o pessimismo da inteligência, e vice-versa. São como irmãos siameses.”

Embora eu tivesse alguns indícios, não sei se Michael acreditava que as crises nos EUA estavam se aprofundando cada vez mais e que as contradições acabariam amadurecendo a ponto de levar a um movimento em direção ao socialismo. Mas Michael sempre se mostrou entusiasmado e apoiador dos movimentos sociais contemporâneos, desde o *Occupy Wall Street* até o movimento por justiça na Palestina, algo sobre o qual ele falava ocasionalmente há muitos anos.

Mas ele frequentemente nos lembra que nosso público principal eram nossos alunos de graduação. E na medida em que estamos em uma guerra de posição gramsciana, a universidade está dentro das trincheiras. Elevar o moral de nossos alunos, ajudá-los a perceber que há algo podre no cerne do nosso sistema capitalista, e que sim, eles podem e devem mudar o mundo, para nós que trabalhamos na educação, é talvez a nossa tarefa mais importante.

>>

Com sua humildade característica, Michael sempre dizia que a sociologia pública era a sociologia predominante em grande parte do Sul Global, da África do Sul à Índia; que ele não estava fazendo uma intervenção particularmente nova ao defender a ideia de que nosso trabalho como sociólogos deve ser responsável perante o público ou estar engajado com ele. Acho que ele estava aprendendo com ativistas e sociólogos do Sul Global.

> **Sociologia pública orgânica: processo ou ética?**

Ele escreveu, novamente em 2011: “A sociologia pública não pode ser sinônimo de má sociologia, não pode ser vanguardista ou populista, mas deve visar a um diálogo [com os trabalhadores] com base no que sabemos como sociólogos” (2011: 75).

Precisamos continuar promovendo esses intercâmbios entre o Norte e o Sul Global, desmantelando essa dicotomia em direção a uma verdadeira solidariedade, que Michael tão bem personificou em sua prática. Precisamos continuar compartilhando conhecimento de forma verdadeiramente multidirecional, compartilhando nossas percepções com as comunidades locais e com os movimentos sociais. Nem sempre concordaremos, e para aqueles de nós que são etnógrafos, nossos argumentos nem sempre serão o que as comunidades desejam ouvir; mas é através do diálogo e do debate que avançamos – e é isso que constitui uma tradição.

Com base em um ensaio que ele escreveu em 2021, tenho a impressão de que se tornou cada vez mais importante para Michael que a sociologia pública fosse além dos meios tradicionais de comunicação, como artigos de opinião e programas de rádio, e se envolvesse com ativistas e comunidades em uma “sociologia pública orgânica”. Pessoalmente, é nessa direção que tenho caminhado. Não existe um roteiro pronto de como fazer isso, e estou aprendendo muito na prática. Tento encontrar o ponto de equilíbrio ideal entre a análise e a teoria sociológica e as realidades vividas e a comunicação direta com aqueles mais afetados pela violência e pelo sofrimento que queremos combater; seja ao lado de comunidades de refugiados, trabalhadores migrantes ou ativistas da classe trabalhadora que protestam nas ruas.

Embora Michael não tenha se aprofundado nos detalhes de como lidar com essas relações de poder ou em como exatamente conduzir esses diálogos, especialmente

entre diferentes classes sociais, acho que ainda podemos aprender com o seu exemplo. Especificamente, pergunto-me se a sociologia pública orgânica poderia ser um processo ou uma ética.

Michael jamais teria expressado isso dessa maneira, mas, com base em seu exemplo, acho que talvez a sociologia pública orgânica tenha a ver com um compromisso com a ciência, mas também com um compromisso de envolver as pessoas com o coração, e com um tipo de convicção moral e de caráter.

> **O legado de Michael: humor, energia, otimismo e ética para nos apoiar em tempos difíceis**

Quais são algumas características da personalidade de Michael Burawoy que impactaram tantas centenas de nós ao redor do mundo, talvez milhares? Ele tinha uma mente aberta, uma crença na intuição dos outros, bondade e humildade, e um verdadeiro espírito democrático: a convicção de que se pode aprender com qualquer pessoa, uma ética de tratar a todos com respeito, desde seus alunos até os funcionários da limpeza do prédio. Não me entendam mal, ele podia ser impaciente e não tolerava a preguiça intelectual ou o exibicionismo. Mas Michael tinha um público muito amplo, tanto no Norte quanto no Sul Global, e o que dava integridade à sua sociologia pública era essa ética, seu modo de ser.

Lamento profundamente o fato de não poder mais ter essas conversas com Michael sobre sociologia pública e organização em tempos sombrios. Mas, em meio ao meu processo de luto, penso em absorver todas as coisas que eu amava nele: seu humor, sua energia, seu otimismo e sua ética, e torná-las minhas. Acho que esse é o caminho agora para todos nós que estivemos em sua órbita e que tivemos a oportunidade de aprender com ele e receber suas bênçãos. Ele escreveu em *The Extended Case Method* [O método do estudo de caso ampliado]: “quando o chão sob nossos pés está sempre tremendo, precisamos de uma bengala”. Para mim, o conjunto de escritos de Michael Burawoy (que considero sua poesia) e sua ética (que tive o privilégio de testemunhar) serão essa bengala. ■

Este texto é baseado em comentários proferidos em 1º de março de 2025, em um webinar em homenagem a Michael Burawoy, organizado pela Rede de Teoria Social, com sede em Bangladesh. O webinar teve como título “*Public Sociology & the Global South*” [Sociologia pública e o Sul Global]. Uma primeira versão foi publicada no [Berkeley Journal of Sociology](https://berkeleyjournalofsociology.org/).

Contato com Fareen Parvez: <parvez@soc.umass.edu>

> Processo de trabalho e produção de hegemonia: a contribuição de Burawoy

por Aylin Topal, Universidade Técnica do Oriente Médio, Turquia

Conheci o Professor Michael Burawoy pessoalmente na Conferência do Conselho de Associações Nacionais da Associação Internacional de Sociologia (ISA) em Ancara, em 2013. Naquela época, ele era o presidente da ISA. Desde então, tornei-me um membro ativo da ISA e Michael e eu mantivemos contato, encontrando-nos em conferências da ISA e trocando e-mails sobre importantes eventos políticos. Ele era verdadeiramente um cientista social transdisciplinar. Eu, como cientista político, tornei-me membro da ISA graças à sua atitude acolhedora e à sua sólida pesquisa transdisciplinar orientada por questões relevantes.

Michael e eu tínhamos um amigo em comum: Erik Olin Wright, que perdemos em 2019. Erik refletiu profundamente sobre a vida, a morte e a vida após a morte em seus artigos de periódico enquanto lutava contra a leucemia. Lembro-me de trocar e-mails com Michael sobre a perspectiva materialista de Erik, que abraçava a ideia de que nossos corpos físicos retornam ao universo na forma de poeira estelar: uma profunda conexão com o cosmos. Sei que Michael abraçou essa abordagem profundamente humanista de reintegração ao mundo natural. Ele não só continuará a existir na forma de poeira estelar, mas também será lido e citado por muitos estudiosos que examinam a natureza do processo de trabalho capitalista e as dinâmicas da luta de classes. Este texto é para homenagear sua contribuição à literatura.

> Força de trabalho

O processo de produção ocupa um lugar central na teoria econômica. Afinal, a definição de economia começa com a produção, que pode ser definida como a transformação de objetos com um valor de uso específico em objetos com um valor de uso diferente. Portanto, a produção corresponde à criação de um novo valor de uso. É o poder do trabalho agindo sobre os meios de produção para transformar os objetos e gerar um novo valor de uso. Essa transformação e o novo valor de uso são relevantes para os mercados na medida em que correspondem a um valor de troca superior.

No cerne da produção capitalista reside um antagonismo fundamental. Nos mercados capitalistas, os trabalhadores não possuem os meios de produção com os quais precisam interagir para produzir um valor de troca superior. Para que isso aconteça, os capitalistas precisam investir em força de trabalho. Esse investimento em força de trabalho é inevitável para os capitalistas, pois a força de trabalho é a única capaz de transformar objetos e produzir novo valor de troca que excede o valor de troca anterior do objeto. Investir em força de trabalho é lucrativo na medida em que o valor criado pelos trabalhadores é superior ao valor de troca dessa força

de trabalho. O salário é o valor de troca do trabalho, que é um nível socialmente determinado, suficiente para reproduzir a força de trabalho e sustentar as famílias dos trabalhadores. Enquanto isso, os capitalistas precisam obter lucro fazendo com que os trabalhadores trabalhem mais tempo do que o necessário para a criação de um novo valor equivalente ao salário de sua força de trabalho.

Portanto, o processo de trabalho capitalista estende-se inevitavelmente para além da produção de valor de uso e do valor de troca do trabalho, abrangendo a produção e a apropriação privada da mais-valia socialmente produzida. O processo de trabalho capitalista envolve as relações entre a produção, que visa maximizar a extração de trabalho excedente não remunerado, por um lado, e a maximização do valor de troca da força de trabalho para além do nível mínimo de subsistência, por outro. Apesar da centralidade dessas tensões inerentes às relações sociais de produção, a pesquisa detalhada e o debate aprofundado sobre a produção e o processo de trabalho foram amplamente negligenciados até a década de 1970.

> Obras críticas pioneras

Em 1954, um grupo de cientistas sociais buscou estudar as relações trabalhistas e os sistemas industriais em diferentes países sob uma perspectiva comparativa, com foco no desenvolvimento econômico, nos mercados de trabalho e nas relações entre Estado, empresas e trabalhadores (também conhecidas como relações industriais). A principal motivação para esses estudos era o desejo de descobrir os padrões universais da industrialização, juntamente com as relações trabalhistas e a formação industrial específicas de cada país, moldadas pelo contexto cultural e político de cada mercado. A pesquisa desse grupo, financiada pela Fundação Ford, resultou em um volume publicado em 1960, intitulado *Industrialism and Industrial Man* [O industrialismo e o homem industrial], de autoria de Clark Kerr e outros. O livro concentra-se na influência dos líderes da industrialização em cada país sobre o caminho real do processo de industrialização. Esses estudos não conseguiram ir além da estrutura da teoria da modernização, que enfatizava o papel das “élites da industrialização” na mediação entre trabalhadores e empregadores para a estabilidade e o crescimento econômico. Sua concepção funcionalista das relações causais, seu caráter ahistórico e sua tendência à tautologia não geraram qualquer debate fora de seus próprios círculos.

O livro *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*, de Harry Braverman, publicado em 1974, foi uma das obras pioneras na análise crítica da centralidade do processo de trabalho na sociedade capitalista. Braverman argumentou que o capitalismo se refere ao surgimento

>>

“a interação entre coerção e consentimento obscurece a natureza exploratória do capitalismo”

de técnicas modernas, mas que, a seu tempo, corresponde a uma ampla erosão das qualificações, tanto nas fábricas quanto nos escritórios. Ele interpreta a história do capitalismo como um processo de desqualificação das massas trabalhadoras, enquanto o trabalho qualificado se restringe a um número muito pequeno de trabalhadores, incluindo engenheiros e gerentes. O trabalho desqualificado, por outro lado, torna-se um apêndice intercambiável das máquinas. Em suma, Braverman enfatizou que o taylorismo é “nada menos do que a verbalização explícita do modo de produção capitalista”.

O argumento de Braverman sobre a desqualificação do trabalho apresenta semelhanças notáveis com os temas retratados em *Tempos modernos* (1936), de Charlie Chaplin, que critica os efeitos desumanizadores da industrialização e dos processos de trabalho capitalistas. A fragmentação de tarefas complexas em tarefas simples e repetitivas aliena os trabalhadores de seu trabalho, e seu senso de propósito e valor são consumidos pelas máquinas. É verdade que a divisão técnica do trabalho no processo de produção capitalista molda inerentemente o processo de trabalho; um processo de produção complexo não é um processo indiferenciado, mas sim um processo internamente fragmentado pela divisão capitalista do trabalho. À medida que diferentes ramos da produção compartimentalizam esse processo, os trabalhadores não se envolvem com todas as transformações pelas quais a mercadoria passa, mas geralmente interagem com ela em uma etapa específica de sua produção. Essa poderosa crítica ao processo de trabalho capitalista inspirou outras obras e gerou um acalorado debate sobre o processo de trabalho entre acadêmicos de diversas áreas.

> Uma perspectiva de Friedman e Edwards: a necessidade de pesquisa etnográfica

Depois que Braverman desvendou os mecanismos do processo de trabalho capitalista, o debate concentrou-se particularmente em uma questão muito simples, porém crucial: por que os trabalhadores se esforçam tanto? Isso nos leva a perguntar: como os trabalhadores internalizam os fundamentos do capitalismo que os restringe? Respostas críticas a essas perguntas vieram de Friedman, Edwards e Burawoy. [Andrew Friedman enfatizou](#) outra faceta do controle do trabalho capitalista, uma faceta mais humana. Ele argumentou que, em vez de controle ou supervisão direta, os trabalhadores recebem uma “autonomia responsável”, na qual se identificam confortavelmente com os objetivos das empresas. Friedman destaca a variabilidade e a adaptabilidade do controle gerencial, moldado pelas estratégias de resistência dos trabalhadores. Da mesma forma, [Richard Edwards oferece uma perspectiva mais complexa](#) sobre a natureza relacional e estratégica das relações no local de trabalho.

Edwards observou que a análise de Braverman tende a generalizar as principais características do taylorismo ao lon-

go da história do capitalismo. Os princípios da administração científica do taylorismo deixaram sua marca indelével no controle do processo de trabalho durante todo o século XX. No entanto, ainda deve ser considerado como uma forma de gestão de controle. Edwards identifica três modelos: simples, técnico e burocrático, cada um representando uma estratégia de gestão diferente. Ele introduz o conceito de locais de trabalho “contestados”, onde o controle não é necessariamente absoluto, mas constantemente negociado entre trabalhadores e gerência. Portanto, ao contrário da representação passiva dos trabalhadores feita por Braverman, Edwards enfatiza significativamente a natureza conflituosa das relações no local de trabalho e a resistência dos trabalhadores. Embora tanto Friedman quanto Edwards tenham incorporado a agência dos trabalhadores em suas análises, eles não conseguiram responder satisfatoriamente às questões complexas.

Para responder à pergunta de como os trabalhadores consentem com a própria exploração dentro do processo de trabalho capitalista, o pesquisador precisa de extrema empatia. Compreender a perspectiva do sujeito nas ciências sociais é uma tarefa complexa e muitas vezes desafiadora. O pesquisador precisa suspender pressupostos e ideias teóricas preconcebidas para compreender autenticamente as experiências vividas por outras pessoas. A verdadeira empatia também é limitada, pois a perspectiva do pesquisador é moldada por seu contexto social. Para ir além dos limites da empatia, o pesquisador precisa de acesso direto à realidade dos sujeitos. Portanto, a pesquisa etnográfica é necessária para responder a essas perguntas sobre o processo de trabalho.

> As ideias fundamentais de Burawoy

Michael Burawoy não possuía apenas um rigor intelectual extraordinário, mas também um profundo senso de empatia, compromisso com a humildade e a reflexividade. Com essas qualidades, ele contribuiu para o debate sobre o processo de trabalho. A principal diferença entre ele e outros estudiosos era que ele tentava responder a essas perguntas não a partir da posição objetiva e distante do pesquisador, mas sim derivando as respostas de sua experiência subjetiva como operário de fábrica. Ele passou um tempo considerável trabalhando em fábricas, e isso moldou profundamente sua compreensão da dinâmica do ambiente de trabalho, do consentimento dos trabalhadores e da interação entre o trabalho e o processo de trabalho capitalista.

Seu livro [Manufacturing Consent: Changes in the Labor Process under Monopoly Capitalism](#) [Fabricando o consentimento: mudanças no processo de trabalho sob o Capitalismo Monopólistico] é baseado em suas experiências como operário na oficina mecânica da Allied Corporation em Chicago. Burawoy começa precisamente com questões sobre como os trabalhadores assumem e reproduzem ativamente o papel da gerência. Ele observa que as possíveis respostas a essas perguntas devem

>>

ser buscadas dentro do processo de trabalho capitalista, pois este fabrica tanto o consentimento quanto as mercadorias. De forma semelhante à conceituação de “autonomia responsável” de Friedman, Burawoy observa que os trabalhadores se percebem como tendo opções.

É precisamente essa ilusão de escolha que leva os trabalhadores a internalizar ativamente as regras do controle capitalista sobre o processo de trabalho. Como operador de máquinas, Burawoy vivenciou as rotinas diárias e as interações sociais no chão de fábrica. Ele narra como ele próprio sentiu as pressões das cotas de produção, do controle gerencial e das relações entre os trabalhadores ao lidar com essas pressões. Ele fornece detalhes valiosos sobre como os trabalhadores buscavam superar as cotas de produção para obter recompensas ou pausas extras. Ele argumenta que essas estratégias semelhantes a jogos, que ele chama de “dar um jeito” (*making out*), constituem elementos de consentimento à sua própria exploração. Ele também afirma que a ênfase no conceito de controle obscurece o funcionamento real do capitalismo. Em vez disso, ele enfatiza a interação entre coerção e consentimento dentro do processo de trabalho, mascarando a natureza exploratória do capitalismo.

> Política de produção em sociedades capitalistas, socialistas e pós-coloniais

Mais tarde, ele expandiu essas ideias fundamentais para um contexto global e macroeconômico mais amplo em seu livro seguinte, *The Politics of Production* [A política da produção], publicado em 1985. Neste livro, ele se concentra nos quadros políticos e institucionais da produção em diferentes contextos espaço-temporais. Ele sugere que a “política da produção” é determinada pelas políticas estatais, pelos mercados de trabalho e pela dinâmica da luta de classes. Sob esses determinantes, a organização do trabalho e o ambiente de trabalho são moldados em diferentes regimes trabalhistas e sistemas de política de produção em sociedades capitalistas, socialistas e pós-coloniais.

Nas sociedades capitalistas, ele enfatiza a importância da gestão, dada a prioridade da maximização do lucro. Ele destaca como as leis trabalhistas, as políticas de bem-estar social e os elementos ideológicos mantêm o controle sobre os trabalhadores. No socialismo de Estado da União Soviética, as negociações entre trabalhadores e gerentes sobre o controle burocrático frequentemente levam a relações conflituosas devido à incompatibilidade entre as prioridades do Estado e as necessidades dos trabalhadores. Esses elementos fomentam as políticas de produção socialista, oferecendo diferentes incentivos para a construção de consenso e o estabelecimento de mecanismos de resistência. Por fim, em relação às políticas de produção pós-coloniais, Burawoy amplia seu nível de análise para a escala global, a fim de compreender como as relações imperialistas continuam a determinar os processos de trabalho no contexto pós-colonial. Suas elaborações sobre como o capitalismo global molda os regimes de trabalho fundamentam sua perspectiva sobre os processos de trabalho neoliberais.

> Burawoy operacionaliza a análise de Marx, destacando o imperativo da produtividade

Com estes dois livros complementares, Burawoy oferece uma estrutura abrangente para a compreensão dos processos de trabalho, conectando as experiências cotidianas dos trabalhadores a forças políticas e econômicas mais amplas. Assim, ele destaca a importância de conectar a análise em diferentes níveis. Ele também sugere que controle e consentimento, como elementos do processo de trabalho capitalista, devem ser considerados em conjunto, pois correspondem à natureza dual das relações sociais de produção capitalista. Ele observa que o trabalho é simultaneamente empoderado e reprimido no local de trabalho, como parte integrante da preocupação em tornar hegemônica uma determinada concepção e condição das relações de produção.

A análise de Burawoy necessariamente coloca em destaque o imperativo da produtividade do trabalho. Ele operacionaliza de forma eficaz a análise de Marx sobre o processo de trabalho. A vida laboral é objetivamente organizada em torno da produtividade. → É a produtividade que cria mais-valia. → A autovalorização do capital na maior medida possível é a motivação principal dos capitalistas. → Quando o detentor do dinheiro encontra força de trabalho livre no mercado e a adquire, o dinheiro transforma-se em capital a ser acumulado. → O trabalho social em coletividades é mais produtivo do que o trabalho individual. Mais precisamente, o trabalho é produtivo como força coletiva. → O objetivo do capitalismo é aumentar a lucratividade o máximo possível. → Para maior acumulação, o capitalista compra força de trabalho de um grande número de trabalhadores a fim de aumentar o poder produtivo do trabalho social. → Portanto, numerosos trabalhadores são empregados e trabalham juntos, lado a lado, seja no mesmo processo ou em processos diferentes, mas interligados, para aumentar a produtividade. Essa cadeia de argumentos nos leva ao que Marx chama de “cooperação dos trabalhadores”. Além disso, a cooperação dos trabalhadores é conduzida de acordo com um plano elaborado pelos gerentes e supervisores em nome dos proprietários.

A estrutura teórica de Burawoy observa que a divisão do trabalho não é o fim em si, mas o meio para alcançar a produtividade. O sistema capitalista, portanto, reproduz-se através da produtividade do trabalho, visto que o aumento da produtividade do trabalho significa maior produção de mais-valia. Uma maneira fundamental de aumentar a produtividade tem sido o aumento da divisão técnica do trabalho. Portanto, a função da gestão é facilitar a produtividade, e não necessariamente executar a divisão do trabalho. À primeira vista, os trabalhadores produzem individualmente partes da mercadoria, mas a produção é, de fato, um processo social. É o trabalho coletivo que produz o produto inteiro. Assim, o processo de trabalho capitalista produz hegemonia simultaneamente, transformando os trabalhadores em indivíduos isolados e, ao mesmo tempo, mantendo-os como parte da força de trabalho coletiva. Como proposto por Marx, o poder coletivo da produção social é alcançado organizando o trabalho “em um único corpo produtivo”, com o objetivo de melhorar sua produtividade.

> A estrutura teórica de Burawoy para a produção da hegemonia de classe

Burawoy observa (assim como Marx) que os capitalistas e sua administração controlam rigorosamente o processo de trabalho. A subordinação do trabalho ao capital é o resultado formal do fato do trabalhador trabalhar para e, consequentemente, sob o controle do capitalista. Essencialmente, o domínio do capital define os requisitos para a condução do próprio processo de trabalho. A autoridade diretiva é necessária para a cooperação harmoniosa e o desenvolvimento de organizações produtivas. Portanto, o trabalho de dirigir, supervisionar e ajustar o processo de trabalho torna-se uma das funções do capital. No entanto, a motivação dos capitalistas para controlar o processo de trabalho não se limita a aumentar a cooperação e a produtividade. Capital e trabalho estão inerentemente em conflito pelo controle do tempo de trabalho e pela apropriação do produto excedente. A gestão e a supervisão são ferramentas cruciais no combate a uma possível revolta no local de trabalho. O elemento do consentimento está constantemente implícito na análise de Marx. Contudo, como Marx estava escrevendo principalmente um texto político – em contraste com o texto sociológico de Burawoy – ele não aborda a questão de como e por que as classes trabalhadoras consentem com a gestão.

Os estudos de Burawoy fornecem uma estrutura perspicaz para examinar a produção da hegemonia de classe, focando em como o processo de trabalho capitalista impede o surgimento de formas antagônicas de consciência. No entanto, ele observa que os trabalhadores frequentemente sentem descontentamento e frustração no local de trabalho devido à pressão das metas de produção, à supervisão rigorosa e às tarefas repetitivas. Não se trata precisamente de consciência de classe, mas sim da consciência de uma oposição que se expressa em novos modos de ação. Embora os trabalhadores reconheçam conscientemente que o objetivo da empresa é obter lucro extraíndo a mais-valia que produzem, suas reivindicações se limitam à dignidade e à autonomia. Assim, as relações objetivas dos trabalhadores com os meios de produção certamente geram conflitos que moldam a experiência dos trabalhadores em “formas de classe”. [Como sugere Thompson](#), a classe está sempre presente em formas de frustração e descontentamento, mas essas tensões não se expressam necessariamente em consciência de classe.

Burawoy emprega a estrutura de hegemonia de Gramsci, que combina consentimento e coerção com momentos de formação da vontade coletiva. Gramsci oferece uma rica estrutura teórica e conceitual que nos ajuda a compreender a transformação da subjetividade individual dentro da totalidade da práxis como momentos de formação da vontade coletiva. A narrativa de Burawoy ilustra como as experiências diárias dos trabalhadores divergem umas das outras, minando sua identidade coletiva e a formação da vontade coletiva. É por isso que os trabalhadores competem entre si, por exemplo, para atingir suas metas individuais e obter benefícios extras. Seus interesses econômicos individuais podem dificultar a ação solidária de alguns grupos de trabalhadores.

[Como observe Filippini](#), Gramsci define os indivíduos como seres estratificados e contraditórios, constituídos em sua relação com a sociedade. Portanto, o indivíduo é visto como um “homem coletivo” construído pelo senso comum, em constante transformação dentro do campo ideológico. Burawoy destaca a importância do campo ideológico em *Politics of Production* [Política da produção], embora não se aprofunde na análise em nível nacional. No entanto, Burawoy ressalta que se refere ao contexto dos EUA, onde a ausência de uma liderança política e intelectual da classe trabalhadora leva à competição entre os próprios trabalhadores. Consequentemente, os interesses individuais estratificados e contraditórios são resultado da incapacidade dos trabalhadores de traduzir seus interesses em um organismo coletivo.

[Como observam Panitch e Gindin](#), Burawoy concebe os sindicatos como um aparelho hegemônico central da classe trabalhadora, capaz de atrair diferentes frações da classe trabalhadora para um diálogo e de intermediar entre suas diferentes práticas. É evidente que o processo de trabalho, sem uma agência política coletiva, não permitiria que diferentes segmentos da classe trabalhadora transcendessem seus momentos econômico-corporativos com base na solidariedade de interesses, mesmo no campo puramente econômico. Pior ainda, sob o ataque neoliberal global, os trabalhadores são despojados da capacidade de seus sindicatos como principal organização política para as ações das classes subalternas.

> Em vez de uma conclusão

O trabalho de Burawoy é motivado por duas proposições: a) a realidade fundamental da vida do trabalhador é moldada no local de trabalho; e b) as mudanças no processo de trabalho estão relacionadas às mudanças na composição do capitalismo. A partir dessas proposições, ainda é necessário fornecer análises da transformação neoliberal da organização do trabalho e seu impacto na formação da vontade coletiva dos trabalhadores.

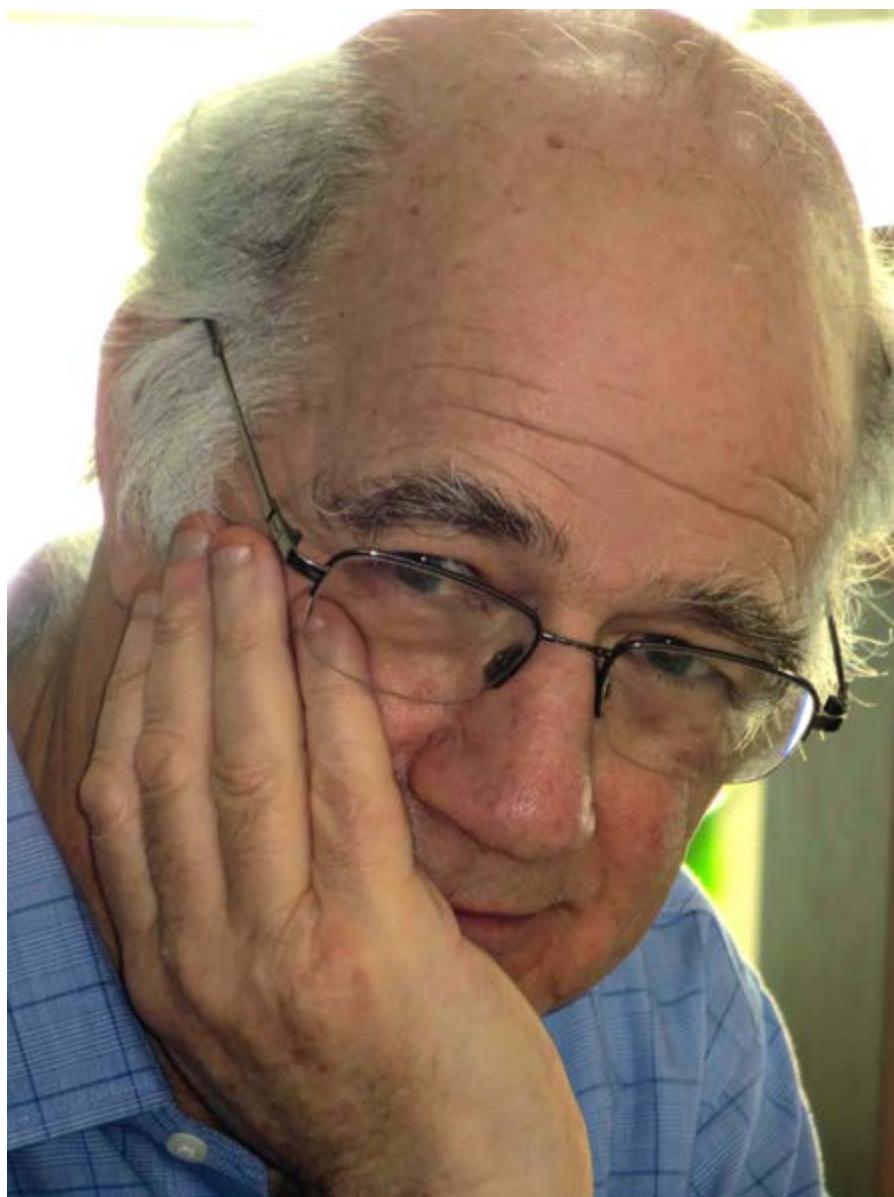
É evidente que a privatização acelerada na era neoliberal teve um impacto real sobre os trabalhadores das empresas privatizadas, que tendem a perder seus empregos *em massa* e são privados de seus direitos sociais. No entanto, os trabalhadores têm demonstrado poucos sinais de descontentamento em relação a essas políticas de privatização. Mais pesquisas são necessárias para investigar a ausência de manifestações de insatisfação em relação às privatizações.

Novos estudos devem destacar a centralidade do processo de trabalho e as experiências dos trabalhadores na obtenção de seu sustento, juntamente com uma análise da hegemonia e da contra-hegemonia sob o neoliberalismo. É também pertinente notar que, na era neoliberal, as experiências dos trabalhadores no local de trabalho podem variar. Em vez de identificar e analisar um processo de trabalho neoliberal unificado e coerente, novos estudos devem adotar pontos de partida que refletem a noção de que o processo de trabalho assume diferentes formas e configurações em outros setores da economia. O arcabouço metodológico e conceitual de Michael Burawoy continuará a guiar novos etnógrafos na compreensão de suas experiências de trabalho de campo. ■

Contato com Aylin Topal: <aylintonpal@gmail.com>

> Encontros e debates com Michael Burawoy

por Ari Sitas, Universidade da Cidade do Cabo e Universidade de Stellenbosch, África do Sul



Michael Burawoy durante uma palestra na Universidade Nacional Kiev-Mohyla, em Kiev, Ucrânia. Foto de Volodymyr Paniotto, na Wikipédia.

Conheci o trabalho de Michael Burawoy em 1979. Eddie Webster, meu professor, veio até mim com um livro recém-lançado em mãos, *Manufacturing Consent: Changes in the Labor Process under Monopoly Capitalism* [Fabricando o consentimento: mudanças no processo de trabalho sob o capita-

lismo monopolista]. Ele insistiu que eu deveria usar esse livro nas aulas que daria em seu lugar na Wits [Universidade de Witwatersrand]. “Este é um companheiro perfeito”, insistiu ele, “para o livro *Trabalhando para Ford*, de Huw Beynon”, que seria a base das minhas aulas. Então, lá estava eu, tentando entender como a hegemonia era

>>

conquistada e mantida pelos mecanismos de adaptação dos trabalhadores por meio de jogos no chão de fábrica. O livro era baseado em suas experiências de trabalho em um ambiente semelhante ao que Elton Mayo havia estudado na década de 1920, onde descobriu que os trabalhadores lidavam com as dificuldades por meio de redes informais de solidariedade. Mas, ao contrário de Mayo, Michael trabalhou lá como se fosse um operário comum, passando de fábrica em fábrica para compreender a política na produção. Esse foi o grande mérito de seu segundo livro, *The Politics of Production: Factory Regimes Under Capitalism and Socialism* [A política da produção: regimes fabris sob o capitalismo e o socialismo].

Posteriormente, descobri o quão próximo ele era de Eddie Webster e da renomada historiadora Luli Callinicos, que eram meus mentores, e ele estendeu sua generosidade, amizade e apoio a mim desde que nos encontramos pessoalmente em Durban, em 1989. Ele estava fascinado pelo trabalho que estávamos desenvolvendo no movimento de teatro operário, dentro do movimento sindical militante, e pela forma como praticávamos nossa própria “sociologia pública”. Debatermos intensamente as perspectivas do movimento social que nos cercava, imerso na chamada Guerra Civil de Natal.

Ele me recebeu no Departamento de Sociologia de Berkeley em duas ocasiões, em 1993-1994 e 1999-2000. Na verdade, ele me tirou da difícil situação de ter que presidir o comitê de Mídia e Cultura do acordo de paz da guerra civil, onde éramos obrigados a apresentar um panorama positivo do progresso à imprensa durante o dia e a enfrentar o reinício da violência todas as noites. Foi um ano inesquecível, pois ele me apresentou a muitos de seus colegas e amigos – Peter Evans, Michael Watts, Gillian Hart, Asef Bayat, Michelle Williams e até mesmo Manuel Castells – estavam todos muito atentos e preocupados com a transição na África do Sul. Michael já estava fascinado pela Rússia pós-glasnost, então as comparações entre as transições pairavam como fantasmas nos seminários. Tive que retornar à África do Sul para as primeiras eleições democráticas de verdade, para atuar como observador eleitoral do ANC [partido do Congresso Nacional Africano].

A imagem de Burawoy pedalando em sua bicicleta esportiva com capacete, indo de Oakland, onde morava, até o campus perto do Monterey Market, onde nós morávamos, e as constantes frases “você precisa ler isso” e “não, você precisa ler aquilo” nos mantinham motivados, enquanto eu me familiarizava cada vez mais com seu esforço para justificar teoricamente o trabalho etnográfico que o tornou uma figura notável na sociologia.

Houve muitos encontros nos anos seguintes, à medida que a África do Sul se tornava uma segunda casa para mim: ele me visitou assim que me mudei para a Universidade da Cidade do Cabo em 2010, onde também me apresentou

a AnnMarie Wolpe, sua amiga de longa data. A feminista veterana me convidou imediatamente para fazer parte do Conselho da Fundação Harold Wolpe, em memória de outro amigo e sociólogo. Ele queria participar do lançamento do meu livro sobre a *Mandela Decade* [Década de Mandela], que foi organizado pela Fundação, mas tinha compromissos internacionais urgentes. Ele tentou me convencer a trabalhar com ele durante sua presidência na ISA (Associação Internacional de Sociologia), mas eu estava cansado de continuar na Associação depois de ter passado oito anos atuando ativamente em suas atividades.

Em 2012, fomos reunidos por Sumangala Damodaran na Universidade Ambedkar, em Delhi, para debater nossos respectivos trabalhos qualitativos sobre o chão de fábrica e as comunidades da classe trabalhadora. Discordávamos sobre a verdade e a mentira! O que quero dizer é: o acesso dele aos espaços da fábrica baseava-se em não revelar seu objetivo real e em disfarçar suas influências marxistas com uma linguagem de recursos humanos! Mas eu nunca tive acesso na África do Sul do Apartheid por meio de redes gerenciais, e sim por meio de representantes sindicais e seus dirigentes. Também discordávamos sobre a palavra “etnografia” – sendo de ascendência grega, sempre tive aversão a uma palavra que significa “inscrever” o “ethnos” sobre os sujeitos da pesquisa!

Depois, nos encontramos novamente em Joanesburgo, enquanto ele trabalhava em seu livro sobre Bourdieu com outro bom amigo, Karl von Holdt. Em seguida, nos encontramos online em Freiburg para discutir sociologia pública e a circulação de ideias sociológicas, em um evento organizado por nossa amiga Wiebke Keim. Mais tarde, nos encontramos na Cidade do Cabo para discutir o sistema universitário e sua nova ética gerencial. E, finalmente, nos reunimos em Joanesburgo para prestar homenagem ao nosso amigo Eddie Webster, em um evento organizado por Sarah Mosoetsa e Michelle Williams. Ele também prestou homenagem a outra amiga aposentada, porém audaciosa: Jackie Cock.

Michael seria assassinado em Oakland algumas semanas depois.

Perdemos um sociólogo notável do mundo do trabalho e da prática da sociologia, e um grande sintetizador das macrotendências e microtendências sociológicas. Fica a imagem indelével de sua teatralidade inquieta: o jeito de andar de um lado para o outro, o giz, os quadrantes que desenhava para expressar categorias, seu riso e seu horror diante da atrocidade em que estávamos nos transformando. Ele nos deixou suas reflexões sobre a ascensão do populismo autoritário e da violência genocida. ■

Contato com Ari Sitas: <arisitas@gmail.com>

> Michael Burawoy: um farol

por **Shaikh Mohammad Kais**, Universidade de Rajshahi, Bangladesh

O professor Michael Burawoy tem sido uma fonte constante de inspiração para inúmeros sociólogos do Sul Global. Ele desafiou a ideia de “uma sociologia para todos” e defendeu apaixonadamente a existência de “muitas sociologias ao redor do mundo”. Seus escritos e discursos enfatizaram o papel fundamental da sociologia no Sul, questionaram a divisão global hierárquica do trabalho intelectual e defenderam teorias fundamentadas nas experiências vividas em nossas sociedades.

Trabalhando em Bangladesh, fui profundamente influenciado pelas suas perspectivas sobre uma sociologia descolonizada e emancipada. Conheci Michael em 2008, quando o Professor Syed Farid Alatas me convidou para participar de uma conferência em Taipei em 2009. Eu ainda era um pesquisador muito jovem e inseguro. Michael, com a sua generosidade característica, ajudou-me a formatar o meu resumo e o meu artigo para aquele primeiro encontro internacional. Nunca me esquecerei desse incentivo. Mais ou menos na mesma época, também recebi apoio de outros acadêmicos renomados, como a Professora Raewyn Connell, o que fortaleceu ainda mais o meu compromisso em explorar distintamente uma sociologia do Sul Global.

A conhecida estrutura de Michael, que divide a sociologia em quatro tipos – profissional, política, crítica e pública – me levou a refletir sobre o estado da sociologia em Bangladesh. Dessa reflexão, desenvolvi a ideia do que mais tarde chamei de “sociologia híbrida”. Com isso, refiro-me a uma sociologia que depende fortemente de teorias e métodos importados do Norte, ao mesmo tempo que se baseia em dados empíricos do Sul. Esse estado híbrido é, em si, um sintoma de crise: uma disciplina moldada pela dependência, incapaz de se sustentar plenamente em suas próprias bases intelectuais. Em grande parte do Sul Global, a sociologia tem sido moldada por essa dinâmica, recorrendo a paradigmas externos e negligenciando o conhecimento indígena e as realidades de nossas próprias sociedades.

Essa hibridização não acontece por acaso. Ela surge em sociedades onde certas condições são generalizadas: dependência de recursos acadêmicos externos, o domí-

nio de ideias importadas sobre a criatividade local, os efeitos persistentes da colonização e a posição marginal dos acadêmicos do Sul na hierarquia global do conhecimento. Essas condições criam uma sociologia que busca reconhecimento e validação externamente, em vez de desenvolver confiança em seus próprios recursos intelectuais.

Bangladesh oferece um exemplo claro. Em meu país, a sociologia há muito tempo é definida de forma vaga como disciplina e continua a enfrentar fragilidades teóricas, metodológicas e institucionais. As universidades lidam com crises estruturais e administrativas. A disciplina frequentemente imita estruturas eurocêntricas em vez de gerar teorias enraizadas nas realidades locais. As associações profissionais permanecem frágeis, enquanto as reformas neoliberais no ensino superior corroem ainda mais a possibilidade de construir um campo autossustentável. Essa situação produziu o que chamo de sociologia híbrida – uma que reflete as tensões, dependências e crises do nosso mundo acadêmico.

No entanto, esta crise também apresenta uma oportunidade. Para transformar a sociologia em Bangladesh e em outros contextos do Sul global, devemos reformar os currículos, gerar teorias e métodos baseados no conhecimento local, demonstrar a relevância prática da sociologia para as nossas sociedades, fortalecer as associações nacionais e regionais e incentivar uma geração de acadêmicos de mentes abertas e autorreflexivos que estejam comprometidos com suas responsabilidades nas e para com suas comunidades.

No desenvolvimento dessas ideias, a influência de Michael foi decisiva. Ele não só me inspirou com suas percepções teóricas, mas também se envolveu diretamente com minhas próprias tentativas de conceituar a sociologia híbrida. Ele leu meus rascunhos, ofereceu *feedback* e me incentivou a aprimorar meus argumentos. O que mais me impressionou não foi apenas seu brilho intelectual, mas também sua humildade. Para um jovem acadêmico desconhecido de Bangladesh, receber tanta atenção de uma das principais figuras da sociologia global foi surpreendente e profundamente motivador.

>>

“sociologia pública, a crítica à hegemonia do Norte, a defesa de um conhecimento engajado e descolonizado”

Além de sua influência intelectual, jamais esquecerei Michael por seu calor humano e sua gentileza. Em conferências, ele era acessível, bem-humorado e generoso com seu tempo. Lembro-me dele me perguntando sobre a comida e a hospitalidade na Academia Sinica durante uma conferência em Taipei, e depois anunciando, em tom de brincadeira: “Quando o Shaikh diz que é bom, então é bom mesmo!”. No Congresso Mundial de Melbourne de 2023, eu me vi seguindo-o por toda parte, tirando fotos juntos como um paparazzi. Ele riu das minhas travessuras e entrou na brincadeira com bom humor. Mais tarde, quando soube da minha eleição para o Comitê Executivo da Associação Internacional de Sociologia (ISA), seus parabéns foram cheios de alegria e incentivo sincero.

Para mim, Michael foi verdadeiramente um farol. Assim como os navios dependem da luz guia para navegar na escuridão, eu dependia dele para obter clareza e orientação no mundo muitas vezes confuso da sociologia

global. Seu legado – a sociologia pública, a crítica à hegemonia do Norte, a defesa do conhecimento engajado e descolonizado – moldou minha jornada intelectual e continuará a guiar muitos outros no Sul Global.

Michael também lançou a *Global Dialogue*, a revista da ISA, que criou uma plataforma para vozes de todo o mundo. Nossa equipe em Bangladesh estava considerando sediar uma conferência internacional sob a égide da revista, e eu esperava convidar Michael para Dhaka. Infelizmente, esse desejo jamais se concretizará.

Querido Michael, sua memória permanecerá para sempre gravada em meu coração. Você iluminou o caminho para muitos de nós. Que descanse em paz. ■

Contato com Shaikh Mohammad Kais: <skais11@yahoo.com>

> Em homenagem a Michael Burawoy: uma perspectiva marxista sobre o setor de táxis coletivos na África do Sul

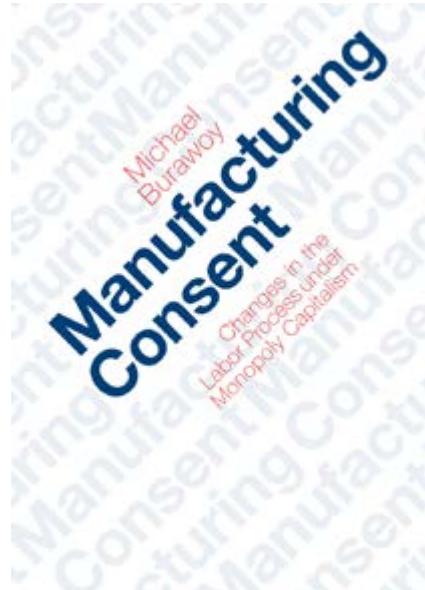
por Siyabulela Fobosi, Universidade de Fort Hare, África do Sul

Michael Burawoy se destaca como uma figura proeminente na sociologia, particularmente no campo da sociologia pública, onde seus métodos etnográficos e percepções marxistas transformaram a compreensão do trabalho, do capitalismo e do poder estatal. Seu trabalho forneceu uma perspectiva crítica através da qual os estudiosos analisam os sistemas de exploração e resistência nas economias capitalistas. Ao homenagear as contribuições acadêmicas de Burawoy, constatamos que suas teorias permanecem profundamente relevantes nos estudos contemporâneos, incluindo aqueles que examinam o setor de táxis coletivos na África do Sul.

A obra seminal de Burawoy, *Manufacturing Consent* [Fabricando o consentimento], publicada em 1979, lançou as bases para a compreensão de como os trabalhadores lidam com a exploração sob o capitalismo, muitas vezes consentindo com sua própria subjugação por meio de estruturas no local de trabalho e políticas estatais. Sua crítica às intervenções estatais e às reformas capitalistas oferece uma estrutura poderosa para analisar a dinâmica dos mercados de trabalho informais. Isso é particularmente relevante no setor de táxis coletivos na África do Sul: um setor informal, porém essencial, que emergiu da segregação espacial da era do apartheid e continua a operar em condições de trabalho precárias.

A desregularização do setor no final da década de 1980, que permitiu uma rápida expansão, alinha-se à noção de “seletividade estratégica” de Burawoy, segundo a qual as políticas estatais favorecem deliberadamente as empresas capitalistas formalizadas, negligenciando ou marginalizando as economias informais. Essa perspectiva teórica ajuda a explicar porque as sucessivas intervenções governamentais, incluindo o Programa de Recapitalização de Táxis (TRP), não conseguiram melhorar substancialmente as condições de vida dos trabalhadores de táxis coletivos. Em vez disso, essas intervenções serviram, em grande parte, aos interesses do capital, modernizando a infraestrutura, mas sem abordar as condições de trabalho.

Pesquisas sociológicas sobre o setor de táxis coletivos, como a minha, corroboram as ideias de Burawoy sobre a fragmentação do trabalho e a exploração estrutural dos trabalhadores. Minha pesquisa ilustra como os motoristas de táxi coletivo, que operam sem contratos, benefícios ou proteção legal, enfrentam insegurança econômica e estão sujeitos a uma concorrência impulsionada pelo mercado



Capa da edição revisada de 1982 de *Manufacturing Consent*.
Crédito: The University of Chicago Press.

que mina seu poder de negociação. Minha análise das políticas estatais reforça o argumento de Burawoy de que as reformas dentro das estruturas capitalistas frequentemente priorizam a eficiência econômica em detrimento dos direitos dos trabalhadores.

Como o trabalho de Burawoy nos lembra, uma mudança significativa exige mais do que meras alterações de políticas; exige resistência organizada e transformação estrutural. Aplicando sua estrutura marxista, acadêmicos e ativistas podem defender reformas que priorizem a proteção trabalhista, subsídios estatais equitativos e negociação coletiva para os motoristas de táxi-lotação. Esses esforços não apenas honram o legado intelectual de Burawoy, mas também impulsionam a luta por justiça nos setores de trabalho informal.

O compromisso de Michael Burawoy com a sociologia pública ressalta a necessidade de uma pesquisa acadêmica engajada no enfrentamento das injustiças sociais. Seu trabalho continua sendo uma força orientadora para aqueles que buscam desvendar as contradições do capitalismo e defender relações de trabalho equitativas. Ao homenagear suas contribuições, reafirmamos o papel da sociologia na promoção de uma sociedade mais justa e humana. ■

Contato com Siyabulela Fobosi: <sfobosi@ufh.ac.za>

> A tabela periódica de uma utopia viável

por David Goldblatt, sociólogo e jornalista independente, Reino Unido

THE PERIODIC TABLE OF A FEASIBLE UTOPIA

Periodic Table of a Feasible Utopia (10 groups, 18 elements)

L _o LOVE	H _o HOPE	E _m EMPATHY	C _o COMPASSION	R _o ROOTS	L _a LAUGHTER	B _a BALANCE	I
C _a CIVIC ACTIVISM	S _o SOLIDARITY	M _a MUTUAL AID	D _d DAY DREAMS	P _p PEOPLES' PALACES	P _t PUBLIC TRANSPORT	P _v POLITICS AS A VOCATION	2
3	12	20	21	40	73	37	1
4	11	22	23	41	74	38	2
5	24	25	26	42	75	39	3
6	27	28	29	43	76	40	4
7	29	30	31	44	77	41	5
8	30	31	32	45	78	42	6
9	32	33	34	46	79	43	7
10	33	34	35	47	80	44	8
11	34	35	36	48	81	45	9
12	35	36	37	49	82	46	10
13	36	37	38	50	83	47	11
14	37	38	39	51	84	48	12
15	38	39	40	52	85	49	13
16	39	40	41	53	86	50	14
17	40	41	42	54	87	51	15
18	41	42	43	55	88	52	16
19	42	43	44	56	89	53	17
20	43	44	45	57	90	54	18
21	44	45	46	58	91	55	
22	45	46	47	59	92	56	
23	46	47	48	60	93	57	
24	47	48	49	61	94	58	
25	48	49	50	62	95	59	
26	49	50	51	63	96	60	
27	50	51	52	64	97	61	
28	51	52	53	65	98	62	
29	52	53	54	66	99	63	
30	53	54	55	67	100	64	
31	54	55	56	68		65	
32	55	56	57	69		66	
33	56	57	58	70		67	
34	57	58	59	71		68	
35	58	59	60	72		69	
36	59	60	61	73		70	
37	60	61	62	74		71	
38	61	62	63	75		72	
39	62	63	64	76		73	
40	63	64	65	77		74	
41	64	65	66	78		75	
42	65	66	67	79		76	
43	66	67	68	80		77	
44	67	68	69	81		78	
45	68	69	70	82		79	
46	69	70	71	83		80	
47	70	71	72	84		81	
48	71	72	73	85		82	
49	72	73	74	86		83	
50	73	74	75	87		84	
51	74	75	76	88		85	
52	75	76	77	89		86	
53	76	77	78	90		87	
54	77	78	79	91		88	
55	78	79	80	92		89	
56	79	80	81	93		90	
57	80	81	82	94		91	
58	81	82	83	95		92	
59	82	83	84	96		93	
60	83	84	85	97		94	
61	84	85	86	98		95	
62	85	86	87	99		96	
63	86	87	88	100		97	
64	87	88	89			98	
65	88	89	90			99	
66	89	90	91			100	
67	90	91	92				
68	91	92	93				
69	92	93	94				
70	93	94	95				
71	94	95	96				
72	95	96	97				
73	96	97	98				
74	97	98	99				
75	98	99	100				

©David Goldblatt www.feasibleutopias.org

A “Tabela Periódica de uma Utopia Exequível” é uma instalação artística de David Goldblatt que substitui os elementos químicos por componentes de uma sociedade desejável e plausível.

Não tenho bem certeza de onde surgiu a ideia da tabela periódica, mas atribuo isso à loucura do isolamento social. No entanto, sei que ela tem muitos elementos. Encontrei-a pela primeira vez em uma enciclopédia quando criança. Lembro-me do puro prazer estético de suas fileiras de retângulos coloridos e de sua nomenclatura misteriosa. Como ex-estudante de química, respeito e admiro sua elegância científica e intelectual. Como leitor de “A tabela periódica” de Primo Levi, percebi com prazer que a tabela poderia ser transformada em um território metafórico tão rico, uma grade tanto de estrutura eletrônica quanto de estrutura emocional.

É claro que não faltam tabelas periódicas alternativas – basta pesquisar na internet. Você encontrará tabelas sobre café, Yorkshire, palavrões, algumas engraçadas, outras nem tanto, mas Mendeleev merece algo melhor. Algo mais profundo? Algo mais surpreendente? Eu estava pensando em manifestos – artísticos, poéticos, políticos e outros – e me perguntava se, em uma era de tamanha dispersão de

>>

atenção e consciência fragmentada, eles não seriam longos demais, textuais demais e lineares demais para sobreviver. Como seria um manifesto para a utopia na era do Instagram? Minha resposta, e há muitas outras ainda a serem descobertas, foi *A tabela periódica de uma utopia viável*.

Ela teve sua primeira vida em papel e lápis em um caderno de esboços, depois se tornou digital, em seguida foi impressa em papelão e pendurada por uma tarde em uma parede enorme que um projeto artístico me emprestou. Mais tarde, eu estava fazendo pôsteres, como o que você vê Michael analisando, e montando a instalação “A tabela” em uma loja vazia em um shopping decadente no centro de Bristol.

Transformamos a loja em uma farmácia chamada Química Utópica e convidamos o público a explorar *A tabela periódica*. Se permanecessem, sugeríamos aos nossos visitantes que não tínhamos o monopólio da sabedoria.

Haveria algum elemento na visão de utopia deles que gostariam de adicionar? Se sim, nós o criávamos. Imprimíamos dois cartões-postais do elemento, dávamos um de presente a eles e colocávamos o outro na parede para criar uma segunda obra de arte: *A tabela periódica do povo para uma utopia viável*.

Michael Burawoy estava muito entusiasmado com *A tabela periódica de uma utopia viável*, considerando-a uma representação gráfica das “utopias reais” de Erik Olin Wright. Acho que Michael teria adorado esta versão interativa e popular, especialmente as conversas inusitadas, íntimas e descontraídas com pessoas sobre como o mundo poderia ser, muitas vezes com indivíduos que não tiveram a oportunidade de ter pensamentos utópicos tanto quanto gostariam. Acho que isso provavelmente se aplica a todos nós. ■

Contato com David Goldblatt: <tobaccoathletic@yahoo.co.uk>



Michael Burawoy observando com interesse um pôster da “Tabela Periódica de uma Utopia Exequível” em Londres, 2024.



Visitantes da instalação artística “Tabela Periódica de uma Utopia Exequível”, montada em um shopping center em Bristol, Reino Unido, foram convidados a acrescentar suas próprias sugestões para criar uma segunda tabela periódica “do povo”.

> Um tempo para a sociologia

por Associação Internacional de Sociologia (ISA)

Quando chefes de Estado promovem a desconfiança na ciência e os ataques às ciências sociais se multiplicam;

Quando as notícias falsas circulam mais e com maior impacto do que as análises baseadas em pesquisas;

Quando muitos líderes políticos disseminam discursos de ódio e negam a uma parte da população o direito à plena cidadania;

Quando a desumanização de categorias inteiras de pessoas volta a se tornar um instrumento amplamente utilizado para afirmar e consolidar o poder;

Quando as evidências científicas são negadas para descartar emergências ambientais e sociais sistêmicas;

Quando os Estados reprimem aqueles que se manifestam contra o genocídio, a violência sistêmica e o racismo;

Quando uma concentração de riqueza sem precedentes permite que um pequeno número de multimilionários controle os meios de comunicação e as redes sociais;

Quando a humanidade enfrenta crises globais interconectadas que determinarão a vida das gerações futuras;

Quando a liberdade acadêmica está ameaçada, mesmo em democracias estabelecidas;

Acreditamos que as intervenções críticas dos cientistas sociais são mais essenciais do que nunca.

E reafirmamos os valores e compromissos que estão no cerne do nosso trabalho como pesquisadores, educadores e intelectuais públicos.

Defendemos:

- Uma **sociologia rigorosa**, baseada em fatos e análises, que rejeita narrativas simplistas e abraça a complexidade do mundo;
- Uma **sociologia independente** que nos lembra que as palavras dos poderosos nem sempre são verdadeiras e que uma mentira repetida mil vezes continua sendo uma mentira;
- Uma **sociologia crítica** que questiona as crescentes desigualdades e desafia o mito do self-made man, a ênfase simplista nos mercados e no consumismo, e a masculinidade hegemônica;
- Uma **sociologia pública** que se envolva no debate público, não posicionada em um pedestal de suposta superioridade intelectual, mas em diálogo com aqueles que lutam para transformar a sociedade e defender o bem comum;
- Uma **sociologia geral** que resiste aos riscos da hiperespecialização e da fragmentação e aborda as questões urgentes do nosso tempo;
- Uma **sociologia global** que aprende com pesquisadores e atores sociais de diferentes partes do mundo, formas de entender e enfrentar os desafios do século XXI e que contribua para criar um sentido de humanidade partilhada.

“a sociologia tornou-se uma ferramenta indispensável para vivermos juntos em um planeta finito”

Afirmamos que as ciências sociais e a liberdade acadêmica são intrínsecas à democracia e devem ser protegidas e promovidas.

Acreditamos que o debate público informado, historicamente fundamentado e sociologicamente relevante é vital para compreender e enfrentar as crises do nosso tempo.

Estamos convencidos de que a sociologia não apenas nos ajuda a entender o mundo, mas também a construir um futuro mais justo, habitável, pacífico e sustentável.

Num período marcado pelas mudanças climáticas, guerras, desigualdades crescentes e ódio, a sociologia tornou-se uma ferramenta indispensável para vivermos juntos em um planeta finito.

A declaração foi apresentada pelo presidente da ISA, Geoffrey Pleyers, no 5º Fórum de Sociologia da ISA em Rabat, em 6 de julho de 2025. Ela conta com o apoio dos ex-presidentes da ISA, Sari Hanafi, Margaret Abraham e Michel Wieviorka; dos atuais vice-presidentes da ISA: Allison Loconto, Banda Purkayastha, Elina Oinas e Marta Soler, bem como dos presidentes das associações europeia e latino-americana de sociologia e do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO), Kaja Gadowska, Jesus Diaz e Pablo Vommaro. ■

Rabat, julho de 2025

Coletamos declarações de apoio de sociólogos individualmente e de membros da comunidade mais ampla das ciências sociais. Junte-se a nós adicionando seu nome a esta declaração coletiva de compromisso e solidariedade, [preenchendo este formulário](#).



